



CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

NATALIA SUSIN CECHINATO

**SOLIDÃO URBANA NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E FABRÍCIO
CARPINEJAR**

CAXIAS DO SUL
2015

NATALIA SUSIN CECHINATO

**SOLIDÃO URBANA NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E FABRÍCIO
CARPINEJAR**

Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Paula Rech

CAXIAS DO SUL

2015

NATALIA SUSIN CECHINATO

**SOLIDÃO URBANA NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E FABRÍCIO
CARPINEJAR**

Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, apresentada como requisito para obtenção do título de Bacharel.

_____ **em dezembro/2015.**

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Alessandra Paula Rech
Universidade de Caxias do Sul

Prof^a. Dr^a. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul

Prof^a. Dr^a. Maria Luisa Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Maria Inês Susin, pela paciência e dedicação. Sempre grata à minha companheira de vida.

À Raquel Susin, minha outra mãe, que entende muito sobre a solidão. Mas, com certeza, muito mais sobre o amor. Sou grata por me emprestar sua compreensão, reflexões e sugestões durante inúmeras vezes neste ano.

Ao meu irmão Alecsander Ilchenco, por ter ficado ao meu lado no momento mais escuro deste período e, em tantos outros que tenho lembrança também.

Aos meus amigos, em especial os que entendem que o mundo todo pode estar em colapso, mas sabem que aqui é o lugar e também o momento certo para agir. Aos que não me deixaram só durante esta etapa.

À minha orientadora Alessandra Rech, pela liberdade de debater sobre um tema tão complexo e necessário.

Principalmente aos solitários que, assim como eu, acreditam que o amor sempre será a solução para qualquer desafio.

Se você pretende ficar louco,
fique sozinho.

Gabriel García Márquez

RESUMO

A presente monografia trata da solidão urbana traduzida nas crônicas da atualidade. Esta investigação tem por objetivo principal averiguar como a solidão nas cidades é retratada na contemporaneidade, bem como o papel da crônica, que assume o gênero jornalístico literário diante do leitor. A análise foi construída a partir da seleção de textos da autora Martha Medeiros e do também escritor Fabrício Carpinejar. Os recortes estão publicados, em sua grande maioria, no Jornal Zero Hora depois do ano 2000. Após a escolha das crônicas, foram identificados cinco eixos temáticos da solidão urbana nesses textos: individualidade, efemeridade dos relacionamentos, independência, amor e tecnologia. A metodologia está baseada na técnica da análise de conteúdo, pela possibilidade de que sejam feitas inferências, sempre apoiadas pela revisão bibliográfica, que tem como principais alicerces para interpretação a Indústria Cultural de Adorno, as cidades na ótica de Calvino e a sociologia de Bauman.

Palavras-chave: crônica; cidades; solidão; pós-modernidade; indústria cultural

ABSTRACT

The current monograph treats the urban loneliness translated in nowadays short stories. This investigation has the main goal of verifying how the loneliness in the cities is portrayed in contemporaneity, as well as the role of the short story, that assumes the literary journalistic genre in front of the reader. The analysis was built from a selection of texts written by Martha Medeiros and Fabrício Carpinejar. The clippings are published, most of them, in the Zero Hora newspaper after the year 2000. After choosing the short stories, there were identified five thematic axis of the urban loneliness in these texts: individuality, the ephemerality of the relationships, independency, love and technology. The methodology is based in the technic of content analysis, due to the possibility of making inferences, always supported by the bibliographic review, which has its main foundations for interpretation in Adorno's Cultural Industry, the cities in Calvino's point of view and Bauman's sociology.

Keywords: short stories; cities; loneliness; postmodernity; cultural industry

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CRÔNICA	14
2.1 HISTÓRIA DA CRÔNICA NO BRASIL	17
2.2 BREVE HISTÓRICO DO JORNALISMO NO RIO GRANDE DO SUL	23
2.3 CRÔNICA E CULTURA DE MASSA	26
3 A CIDADE MODERNA.....	29
3.1 A CIDADE NO IMAGINÁRIO	33
3.1.1 PULSÕES DA CIDADE	37
3.2 AS CIDADES LITERÁRIAS	39
4 SOLIDÃO URBANA E A MODERNIDADE LÍQUIDA	43
4.1 NECESSIDADE DO VÍNCULO SOCIAL	47
4.2 A SOLIDÃO PÓS-MODERNA E SEUS SINTOMAS	50
4.3 LITERATURA COMO CATARSE	52
5 METODOLOGIA	55
6 A ANÁLISE	57
6.1 EFEMERIDADE DOS RELACIONAMENTOS	57
6.2 INDIVIDUALISMO	60
6.3 INDEPENDÊNCIA	63
6.4 AMOR	66
6.5 TECNOLOGIA	67
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "SEPARAÇÕES LÍQUIDAS"	79
ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA: "A SEPARAÇÃO COMO UM ATO DE AMOR"	81
ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA: "PEQUENOS CÉUS SOMADOS" .	83
ANEXO D - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "NÓS"	85
ANEXO E - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "DOIDAS E SANTAS"	87
ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "NÃO É AMOR"	89
ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "SE EU FOSSE EU"	91
ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "SOU O MELHOR NO QUE FAÇO, MAS O QUE FAÇO NÃO É NADA BONITO"	93

ANEXO I - TRANSCRIÇÃO DO TEXTO "ATÉ QUE O FACEBOOK NOS SEPARE"	95
ANEXO J - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "OS SOLITÁRIOS"	96
ANEXO K - PROJETO DE MONOGRAFIA	98

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia intitulada *Solidão urbana nas crônicas de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar*, tem como objetivo observar como a solidão na cidade é retratada na contemporaneidade. Para tanto, foram selecionadas crônicas desses dois autores a partir de eixos temáticos que dialogam com a questão da solidão cidadina.

Os objetivos específicos são: contribuir para o estudo da crônica no contexto contemporâneo no estado do Rio Grande do Sul; identificar a solidão urbana em seus diferentes eixos temáticos identificados nas crônicas selecionadas (individualidade, efemeridade dos relacionamentos, independência, amor e tecnologia); analisar a atualidade presente nos textos dos autores com o enfoque no tema da solidão urbana, refletir sobre o comportamento da sociedade na “modernidade líquida”.

Para tal, foram apontadas as seguintes hipóteses: a solidão urbana é tema recorrente nas crônicas de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar; as crônicas desses autores retratam o individualismo na cidade; pelas crônicas selecionadas é possível traçar um panorama da família contemporânea, com questões como crises de valores e entre casais, violência doméstica, sobrecarga da mulher, e ideais de perfeição inalcançáveis. A solidão se evidencia a partir de conflitos como a disputa de posições na sociedade – característicos da vida em cidade. Os textos demonstram que, apesar do que se costuma imaginar, as tecnologias aproximam as pessoas na sociedade moderna.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de discutir a vida urbana como fenômeno que causa alguns danos ao ser humano. Dessa forma e conseqüentemente as relações também estão comprometidas, bem como os conflitos internos tomam uma proporção importante, prejudicando a vida em sociedade. Porém, esta investigação se debruça sobre a urgência em voltar ao que é primário: a convivência saudável, a abertura que as pessoas deveriam ter quando se trata de ouvir a angústia alheia, de compartilhar os dilemas contemporâneos para então amenizá-los.

Outra razão é que o espaço que as crônicas ocupam nos jornais vem crescendo. Esta pesquisa escolhe esse gênero, qualificado por Souza como “amigo

da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas”. É uma oportunidade de respirar entre uma notícia e outra, uma pequena parcela de sonho no mundo real.

Houve uma grande ascensão do gênero quando se fala sobre impressos. Esse crescimento pode ser atribuído ao interesse do estilo literário para o público que consome este tipo de mídia. A possibilidade de aproximar a oralidade da escrita, em sua linguagem, possibilita que a crônica esteja presente na leitura de um número maior de pessoas.

Em função do avanço da crônica dentro dos veículos na atualidade, a ideia é investigar o gênero em relação ao tema que se evidencia nas sociedades contemporâneas, o da solidão.

A importância da crônica se dá no momento em que se repara no cotidiano, quando uma notícia recebe uma interpretação com direito a metáforas. É o exato momento em que se “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CÂNDIDO, 1992, p. 15).

A crônica surgiu nos impressos há mais de um século e meio. No Brasil, apareceu nos anos 1930 e se tornou famosa porque consegue, de uma maneira muito particular, transitar entre os temas cotidianos e o humor. No início, era chamada de “folhetim”, pois tinha a intenção de informar. Ela vinha em formato de artigo no rodapé dos jornais. Porém, depois de algum tempo, a crônica passou a ser um texto desprezioso.

Para entender não somente a importância da crônica na nos dias atuais, como seu papel de reflexo de uma sociedade que funciona na instantaneidade, o tema da solidão urbana foi o escolhido.

A partir do propósito de analisar a crônica como válvula de escape para o leitor, será investigada a recorrência do tema da solidão entre dois autores selecionados por sua representatividade na imprensa do sul do país: Fabrício Carpinejar e Martha Medeiros. A intenção é aprofundar como esse tema aparece e, de que forma, ele está diretamente relacionado ao contexto atual da sociedade, com o apoio de referências no assunto da modernidade, como Zygmunt Bauman.

Em algum momento o ser humano se dá conta de que está sozinho. Ele precisa, antes de se posicionar em uma sociedade, compreender que tudo começa por conta dele próprio. As crônicas, nesse caso, vão ao encontro da ideia de Bauman (2001) de que precisamos nos emancipar.

A crônica vista como catarse serve para mostrar como se desligar, nem que por alguns instantes, da realidade. O termo, para a psicanálise, significa essencialmente liberar bloqueios emocionais. Já na filosofia, se refere à limpeza pessoal. As duas linhas se cruzam quando a crônica tem o papel de abrandar a solidão cidadina, por meio de uma escrita de fácil assimilação. Essa identificação pode ser explicada pela colocação de Bauman, que afirma que “o indivíduo só experimenta a liberdade genuína, quando está sozinho (BAUMAN, 2001, p. 23)”.

Para que a pesquisa tomasse forma, o seguinte caminho foi percorrido:

No capítulo 2, será evidenciada a importância da crônica e a justificar porque o gênero, apesar de ainda estar no limiar entre literatura e jornalismo, pode ser situado em ambos os universos.

Neste capítulo também apresentamos alguns recursos de que o gênero jornalístico literário pode fazer uso para tratar de realidade, do factual, assim como faz o jornalismo tradicional. Outro ponto foi relembrar as raízes da crônica, que passou por diversas reviravoltas e até chegar na atualidade. Para isso, trouxemos algumas passagens do gênero no Brasil e depois um breve histórico do jornalismo no Rio Grande do Sul, para situar a crônica e sua importância no Estado.

No capítulo 3 o assunto são as cidades modernas e seu respectivo funcionamento. Propusemos uma reflexão acerca da maneira como a sociedade urbana atual age sobre o indivíduo e o induz à solidão. Em um segundo momento, tratamos sobre as cidades no imaginário, aquela cidade que cada indivíduo vivencia a partir de sua realidade particular. Esta passagem é de grande relevância pois se atém, inclusive, a questões antropológicas para explicar os fenômenos urbanos.

Em seguida fazemos uma relação do tema com a psicanálise e utilizamos de proposições de Freud para alcançar os sentimentos sufocados pela vida urbana. Esta parte busca uma inspiração para justificar os anseios do ser humano sob a ótica das pulsões no contexto de uma cidade.

Depois disso, a pesquisa é direcionada para as cidades literárias, aquelas que são construídas com palavras. São essas que fazem o leitor percorrer um lugar e também se sentir parte dele, por mais que nunca tenha estado lá. As cidades literárias são criadas muitas vezes a partir das dificuldades vividas neste local e quem o descreve tem um grande compromisso ao tratar de assuntos latentes como a desigualdade social, que também é um desencadeador da solidão urbana.

No capítulo 4 acontece a delimitação da pesquisa, quando se aborda a solidão urbana, suas causas e consequências. A pesquisa segue com o objetivo de entender melhor o mau funcionamento da sociedade pós-moderna. Também nos aprofundamos no quesito do vínculo social e o quanto ele é primitivo e necessário ao ser humano.

O capítulo 5 apresenta a metodologia utilizada para a análise dos textos selecionados. Tem como base a autora Bardin (2000) que defende a Análise de Conteúdo como um método eficaz para analisar recortes a partir do uso de inferências.

Outro autor que também serviu de fonte foi Bauer (2003) que reafirma que o método de AC (análise de conteúdo) exige um esforço muito maior do que outros métodos e que instiga o ato de pensar, que na atualidade é diminuído em função da tecnologia.

Já no capítulo 6, será realizada a análise do conteúdo selecionado. Nesta fase, todos os outros capítulos serviram de preparação para a reflexão e então as inferências a respeito dos textos de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar e o confronto com as hipóteses inicialmente propostas.

Na conclusão, reflete-se a respeito do estudo realizado na tentativa de analisar a contribuição para o tema da crônica e da solidão urbana.

2 A CRÔNICA

A crônica ainda é considerada um gênero de menor importância. Isso porque, desde a sua criação, era encarada como uma página de respiro dos jornais, que sempre foram os responsáveis por trazer as notícias de todo o cunho, inclusive as mais pesadas.

Há inúmeras definições para o gênero que vem dominando cada vez mais os meios de comunicação. Inclusive o rádio e a televisão, que também se apropriam, muitas vezes, dos artifícios da crônica para criar um espaço de reflexão e questionamento dentro da programação.

A natureza do que se pode chamar de um gênero jornalístico está justamente na possibilidade de se observar um fato, registrá-lo e difundi-lo nas mais diversas escalas. A crônica portanto, mesmo sendo classificada ainda como uma escrita sem compromisso e com apelo humorístico, tem o seu processo de criação, exatamente igual ao de qualquer notícia que se lê em periódicos. Sendo assim, Melo classifica as etapas de produção de qualquer que seja o gênero jornalístico:

Tais processos, que envolvem de um lado as instituições jornalísticas e de outro as coletividades em que atuam, articulando-se necessariamente com o organismo social de que se nutrem e se transformam, podem ser imediatamente observáveis através do relato do real que constitui o seu traço marcante. Em outras palavras, do seu discurso manifesto. (MELO, p.36 e p.37,1994)

De tal maneira, a crônica possui os pré requisitos necessários para que seja um gênero jornalístico. Porém, se difere em diversos outros pontos, mas principalmente no que diz respeito à estilística do texto. Para Melo (1994, p.65), a crônica se encaixa na categoria do jornalismo opinativo. Ele acredita que o cronista coloca na escrita os valores de um fato, não somente o fato em si.

A crônica dá um caminho e conduz o público a refletir pelos passos dessa estrada. O cronista faz as vezes de informado, informador e formador de opiniões baseadas ou discordantes da sua. Dessa maneira, é possível que se reconheça a autoria das obras.

Outra característica essencial para a existência da crônica é o fato de ela não se apegar na totalidade de um fato, ou seja, ela tem por essência uma passagem da vida real, mas não se limita a falar somente do que aconteceu. Rosetti (2009, p. 24)

traduz de uma maneira sucinta um dos pilares da crônica brasileira em particular, ela comenta que “é um olhar diferente e fragmentário do real que não ambiciona a totalidade dos fatos, como uma fotografia do real que capta poeticamente o instante, dando a ele uma dimensão de eternidade”.

No que se trata de estilística do gênero, está inserido um dos artifícios mais utilizados na crônica, que é a metáfora. Ela serve basicamente para fazer a ligação ente dois objetos ou situações completamente distintas. É introduzir no texto a maneira de pensar em algo, criando a possibilidade de compará-lo a outro universo. É um salto extremamente rápido e de fácil assimilação entre dois opostos.

Rosetti atribui à metáfora uma parcela de responsabilidade no processo criativo da crônica:

O processo de produção da metáfora requer a comparação entre entes diversos, a retenção do que se considera semelhante, a transposição de planos de significação e o estabelecimento de um novo significado. Sendo assim, a metáfora mais do que uma figura ou esquema da língua, é um esquema do pensamento. Mais que uma simples figura de linguagem, a metáfora é uma “figura de pensamento” que depende do receptor da mensagem para atribuir-lhe um novo sentido, dentre os vários sentidos que existem para uma mesma palavra. (ROSETTI, 2009, p. 30)

A metáfora que está presente nas crônicas confere ao gênero mais uma, de tantas possibilidades que ele oferece. Além de fazer a ligação entre assuntos diversos, a metáfora se mostra como um movimento, que coloca o leitor em uma posição de participante, porque ele precisa acionar outros tipos de memória se quiser compreender o texto. Rosetti (2009, p.30) sugere este movimento em que a metáfora “troca a cristalização simbólica do conceito pela expressividade mutável das imagens convergentes, em sua variação indefinida de significados”.

Ricouer (2000, p.99, p.100) é contundente ao questionar o uso da metáfora e a maneira como as pessoas não se dão conta do quanto é comum o uso deste recurso, mesmo sem a percepção total. O autor também indaga a forma como entende-se a metáfora, ele pergunta se há a capacidade de “manter ao mesmo tempo dois sentidos” e com isso uma cria “proposição”.

A metáfora é viva para Ricouer (2000, p.101). É também como um corpo com “contorno, traços e forma exterior”. O recurso não esgota suas possibilidades, mesmo que utilizado com frequência. Pelo simples motivo de que são diversos universos comparados e têm a opção de troca entre eles, com a alternativa de cruzamento de dados.

Rosetti (2009, p. 32) ressalta um papel também social do recurso: “percebe-se claramente que o uso de metáforas no texto não se dá somente por questões de estilística, mas busca influenciar e ser influenciado por diferentes visões de mundo acerca dos fatos”. Desta forma, a metáfora faz também a função de aproximadora do leitor com o texto. É mais umas das veias do gênero jornalístico literário, que carrega o sentido das palavras e propicia um melhor entendimento de todo o tipo de público.

A crônica é repleta de notícia porque o cronista está muito atento ao cotidiano. Ele se atém aos mínimos detalhes do que acontece ao seu redor para enriquecer o processo criativo. A metáfora, nesta situação, é também um recurso para tecer os paralelos entre o objetivo que o autor deseja alcançar no texto e a realidade próxima – a metáfora dá grandeza ao cotidiano – é uma supervalorização do fato.

Dentro da psicanálise, há estudos que revelam o uso da metáfora muito semelhante ao da metonímia – quando toma-se a característica principal de determinada coisa, para representá-la – como uma forma de pensar pontua Imanishi (2008, p.134) a metáfora pode ser encarada como “uma constitutiva da linguagem”.

De acordo com Imanishi (2008, p. 134) “nem sempre é fácil reconhecer, se uma palavra está sendo usada em seu sentido literal ou metafórico”. Esta manobra necessária ao entendimento, esta disponibilidade para procurar a metáfora escondida no aparentemente objetivo, na camada superficial do texto, é uma das mais importantes qualidades do texto literário e, por consequência, da crônica. O esforço criativo do leitor para ampliar o sentido do texto por meio de uma leitura metafórica é libertador, pois agrega um universo de interpretações, em geral, muito mais amplo do que as possíveis a partir das notícias que circulam nas editorias tradicionais. A crônica no meio jornalístico é, talvez, um reduto de esperança na autonomia do leitor, em um meio em que a liberdade deu lugar aos interesses dos oligopólios.

Imanishi (2008, p. 134) faz um paralelo entre a metáfora e a psicanálise e comenta que “vemos, assim, a psicose sendo denominada por aquilo que lhe falta, por uma ausência – a ausência de amarragem dos significantes, dada por um significante primordial/central”. Da mesma maneira acontece com as metáforas inseridas nas crônicas, só pode ganhar importância quando encontra um significante

na vida pessoal de quem lê. É assim que o sentimento de um autor torna-se de domínio público.

A crônica, para o público, exerce a atividade de despertar o lado humano dentro de cada um e no meio dos jornais. De acordo com Sá (1997, p.55), “tudo nos atinge nervosamente e se estampa num gráfico que é o jornal”, o que eleva a significância das crônicas a níveis extremamente altos. Crônica é, em todo seu sentido literal, algo que se insere no tempo e, por mais redundante que seja, torna-se uma “aparição crônica” também, ou seja, de presença indispensável nos jornais.

A respeito do papel da crônica na sociedade, Cândido (1994, p. 66) a define com a função de mediadora entre “a ótica da comunidade ou dos grupos sociais a que a instituição jornalística se dirige”. Apesar de, na maioria das vezes os jornais não assumirem a posição do cronista, o texto continua carregado de opinião e, pode revelar implicitamente a colocação da empresa que o representa.

A coexistência da notícia e da crônica revela que uma está inserida na outra, como também as duas formas de relato se complementam. As experiências pessoais não deixam de ser notícias quando se tornam públicas. Para Sá (1997, p.57), é através dos estados da alma de um cronista que ele observa o que se passa nas ruas. É importante que se perceba que toda notícia é uma experiência pessoal comparada a dos outros.

A crônica é efêmera e por isso, não tem a intenção de durar demais. Cândido (1994) sugere que a crônica tem morada confirmada nos jornais de todo o Brasil e afirma que:

Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ficar, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. (CÂNDIDO, 1994, p.14)

Sendo assim, a crônica pode ser considerada um dos gêneros que mais arrecada público, pois está baseada na humanização da literatura e do jornalismo em função de se utilizar do cotidiano como fonte inspiradora. Também é uma categoria que trabalha o hibridismo entre as duas áreas. A crônica é a possibilidade de trânsito entre épocas e verdades de determinados períodos.

2.1 HISTÓRIA DA CRÔNICA NO BRASIL

O primeiro ensaio do que viria a ser uma crônica surgia quando Pero Vaz de Caminha, descrevia para D. Manuel o retrato do que teria encontrado nas paisagens brasileiras. Texto este que marcou o surgimento de todo o imaginário de uma terra repleta de natureza. Logo começaria o processo de formação das cidades do Brasil, um emaranhado de culturas e sonhos, a verdadeira mistura. Segue um trecho da carta:

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si. E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. (CAMINHA, p.92,93, 2002)

Além de todos os detalhes sobre as primeiras impressões a respeito de uma terra ainda não desbravada, Caminha faz questão de relembrar as falas dos personagens do descobrimento. São essas, características indispensáveis para que essa carta fosse considerada por Sá (1997, pg. 6) como a “criação de um cronista”. Um relato que foi fiel à realidade do ano de 1.500, mas também, muito se ateuve aos adjetivos que serviram de apoio para que a descrição pudesse tomar forma na cabeça do Rei D. Manuel. Desde lá, o objetivo da maior parte das crônicas é, em sua essência, criar uma visão mais ampla de pensamento para o leitor.

Quando a crônica ainda era chamada de folhetim no Brasil, por volta dos anos de 1800, ela era publicada nos rodapés dos jornais da época. Podiam tratar de diversos assuntos da sociedade como economia, política e artes. Não se fazia questão de um aprofundamento maior a respeito dos assuntos.

Os folhetins tinham como premissa o entretenimento do público. Os leitores do século XIX logo corriam para a parte inferior dos periódicos em busca de uma nova trama que tinha uma estrutura capitular. Todos os dias um novo episódio sobre uma realidade distante dos olhos, uma pequena possibilidade de aproximar-se de uma herança europeia.

A partir do momento em que a realidade se mesclou com uma veia cômica, os leitores procuraram não só ler o que havia acontecido; eles necessitaram criar um cenário e podiam, finalmente, adicionar sua capacidade criativa acerca dos textos

que antes não passavam de uma imagem congelada. Foi o ápice de uma leitura considerada moderna.

Em seguida, a nova onda fazia os jornais venderem muito mais, em razão de que era uma leitura rápida e de fácil assimilação por grande parte dos leitores. Era o momento em que as classes mais baixas, em especial a classe média, se interessava em comprar o jornal. Naquele momento, os veículos perceberam que era uma grande chance de alavancar as vendas.

Os jornais mais conhecidos no Brasil daquela época como por exemplo o “Correio Mercantil”, do estado do Rio de Janeiro, passaram a produzir os folhetins em grande escala. Nomes como José de Alencar e Machado de Assis assinavam as notas do jornal. Aconteceu que, tanto se produziu e tanto se vendeu do mesmo produto, que os leitores passaram a não levar mais a sério o que liam. E, apesar de não ter sido essa a intenção dos escritores, o público caiu em descrédito, ou até mesmo na exaustão da leitura do folhetim.

Do descrédito dos leitores ao enxugamento dos folhetins em jornais, a crônica começava a caminhar para o futuro como um gênero pormenorizado. Do momento de decadência nos veículos e na mesma época da chegada do rádio ao Brasil, a crônica iniciava seu molde, o gênero da veia cômica. Assim, de maneira a definir a posição da crônica no país, Melo (1994, p.15) profere: “creio que a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.”

Os anos 50 para o jornalismo no Brasil estiveram cheios de informação e desenvolvimento. Um dos impressos consagrados na época, de acordo com Laurenza (2015) era a revista O Cruzeiro, que atingia um público gigantesco, se comparado ao número de pessoas que viviam na zona rural e também considerado o alto índice de analfabetismo.

A revista O Cruzeiro, de propriedade de Assis Chateaubriand, também responsável por trazer a televisão ao Brasil, era uma novidade para a época. Os moldes em que era produzida podiam ser considerados inéditos, principalmente pela parte gráfica, que trazia muitas ilustrações. Além disso, no que se refere à crônica presente na revista, a escritora Rachel de Queiroz foi a representação da voz feminina ativa dentro do impresso. Segue o trecho de uma das crônicas publicadas na revista no ano de 1947, intitulada “Votar”:

Votem, irmãos, votem. Mas pensem bem antes. Votar não é assunto indiferente, é questão pessoal, e quanto! Escolham com calma, pesem e meçam os candidatos, com muito mais paciência e desconfiança do que se estivessem escolhendo uma noiva. Porque, afinal, a mulher quando é ruim, dá-se uma surra, devolve-se ao pai, pede-se desquite. E o governo, quando é ruim, ele é que nos dá a surra, ele é que nos põe na rua, tira o último pedaço de pão da boca dos nossos filhos e nos faz apodrecer na cadeia. E quando a gente não se conforma, nos intitula de revoltoso e dá cabo de nós a ferro e fogo. (QUEIROZ, 1947)

Com este recorte é possível detectar que, nos anos de 1950 no Brasil, a crônica estava viva dentro dos impressos. Mais que isso, ela revelava as impressões dos escritores, que a exemplo de Rachel de Queiroz, não continham sua forte opinião por mais que o assunto fosse delicado – ao mesmo tempo que seu discurso denunciava a força do machismo arraigada ao posicionamento feminino.

É de suma importância relatar que o mundo nos anos 50 estava dividido entre o socialismo e a “expansão econômica e cultural norte-americana” (LAURENZA, 2010, p.187). Para poder se encaixar nas ideias da época era necessário, segundo Laurenza (2010, p. 188) “se posicionar política e economicamente no capitalismo monopolista que se avizinhava”. Os autores que viviam e atuavam nesta época tiveram que se conter nas falas, até porque uma ditadura se aproximava.

A época da ditadura militar no Brasil iniciou-se em 1964, quando o nome que se destacou foi o de Carlos Heitor Cony, que conforme Silva Júnior (2014, p.62) se destaca em função de que “o cronista pretendia, a seu modo, estimular a discussão em torno de uma série de questões comportamentais e, na essência, também sociopolíticas”. Algo que, para um período ditatorial era considerado um ato revolucionário, justamente porque estava terminantemente proibido discutir a política, em especial tornar a opinião própria em pública.

A crônica até chegar ao século XXI passou por algumas mudanças para se adaptar à realidade do Brasil. Grandes nomes como João do Rio e Rubem Braga foram personalidades que serviram de peças-chave para o desenvolvimento do gênero jornalístico literário que o brasileiro conhece na atualidade. Os autores foram os precursores no que diz respeito a inserir um toque humorístico e, muitas vezes, o sarcasmo, que hoje, é uma linha muito presente também nas crônicas de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar, focos deste estudo. Como exemplo do recorte que

teve como norte o humor, uma passagem da crônica intitulada “Cafezinho”, de Rubem Braga:

A vida é triste e complicada. Diariamente é preciso falar com um número excessivo de pessoas. O remédio é ir tomar um “cafezinho”. Para quem espera nervosamente, esse “cafezinho” é qualquer coisa infinita e torturante. Depois de esperar duas ou três horas dá vontade de dizer:

- Bem cavaleiro, eu me retiro. Naturalmente o Sr. Bonifácio morreu afogado no cafezinho.

Ah, sim, mergulhemos de corpo e alma no cafezinho. Sim, deixemos em todos os lugares este recado simples e vago:

- Ele saiu para tomar um café e disse que volta já. (BRAGA, 2002, p.156,157)

A crônica pode ser entendida como uma maneira fácil e simplificada de ter uma leitura diferente sobre inúmeras questões do mundo. É indispensável se falar que a crônica tem até mesmo um apelo social, porque atinge muitas classes e pode ser compreendida por grande parte delas também. Cândido (1994, p. 16) pontua que “o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca da oralidade na escrita, isto é, na quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo”. Ou seja, de nada adiantava a riqueza de detalhes que os escritores do século XX utilizavam para narrar um fato como o golpe militar ou criar um romance. Não era mais suficiente que tratassem de escolher as palavras, se quem de fato as lia, precisava se empenhar para que houvesse a interpretação.

Ocorreu que, a partir da exposição dos sentimentos de maneira mais simplificada, o público respondeu de forma a se acostumar com a presença das crônicas nos jornais. O leitor podia, de uma vez por todas, não apenas entender o que estava consumindo, mas trazer para perto de si a visão de quem lhe escrevia. É o que Sá (1997, p.14,15) chama de “participante da imensa dor coletiva”, quando o leitor migra entre a sua dor e a dor do autor.

É importante este momento em que o autor pode tirar o máximo proveito e inspiração do que se chama de cotidiano. É ele quem cria as notícias da própria vida. É o cronista o responsável por transformar o factual, em um aglomerado de metáforas e adjetivos que transmitem o sentimento que se tem sobre as coisas que acontecem na vida. Para Sá (1997, p.12) “sua tarefa, então, consiste em ser o nosso porta-voz, o intérprete aparelhado para nos devolver aquilo que a realidade não gratificante sufocou”.

Desde o momento em que se fala de fatos, sobre as notícias da rotina, a crônica é um gênero também jornalístico. Tem sua base estabelecida junto ao início da escrita, ainda quando se misturavam reais acontecimentos a personagens ou espaços inexistentes para dar origem aos mitos. E o mito não deixa de ser uma crônica que tem fundamentação no imaginário. Bem conclui Melo (2002, APUD CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex, p.141) “a crônica passa ao jornalismo, sendo um gênero cultivado pelos escritores que ocupam as colunas da imprensa diária e periódica para relatar os acontecimentos pessoais”.

Nem sempre o acontecimento pessoal é verdadeiro. Quando o é, então se torna um gênero jornalístico. O cronista narra sua história com certa cronologia, insere os personagens dentro de um espaço real, transcreve as falas e desta forma, coloca sua opinião sobre um relato. Melo (2002, APUD CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex, p.142) comenta que o “jornalismo luso-brasileiro adquire a fisionomia de um gênero tipicamente opinativo”.

Para Melo (1994, p.145), “do ponto de vista histórico, crônica efetivamente significa narração de fatos, de forma cronológica, como documento para a posteridade”. Por este motivo em especial, muitas cartas escritas no passado são consideradas como crônicas e também têm valor documental. É o que Melo (1994, p.146) denomina de “embrião da reportagem”. As crônicas foram as antecessoras de um jornalismo que se tornaria cada vez menos adjetivado e poético com o decorrer dos anos.

O jornalismo em si tem como regra a isenção, o profissional não deve expor sua opinião no material que divulga. Mas, com essa regra, houve também o empobrecimento das notícias. Os jornalistas não escreveram, nem tampouco verbalizaram suas opiniões na maioria dos casos, desta forma, as notícias parecem ter se tornado banais. A suposta imparcialidade foi a estratégia para calar a voz do profissional, e, muitas vezes, deixar que se sobressaia a tendência política do veículo, sem no entanto assumi-la.

No meio jornalístico, a crônica então assume um espaço de fluidez. Os jornalistas, naquele curto espaço, podem sentir-se à vontade para narrar o seu fato, contar como veem o seu mundo particular. No mesmo pensamento seguem os leitores, que podem se identificar, ou discordar, de quem os informa. O receptor tem a oportunidade de ver a concepção da pessoa que a orienta em diversos aspectos.

Coelho (2002, APUD CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex, p.156) reflete sobre uma “modificação do gênero”. Ele comenta que não é saudosista ao falar bem somente dos escritores do passado. Mas relata que a notícia em si tem função de fazer o leitor reagir, já a crônica é aquilo que ele espera ler, é uma espécie de adivinhação de pensamento. Ou seja, uma reorganização de palavras que, muitas vezes o público é capaz de ter por ele mesmo, mas que o cronista externaliza de maneira simplificada. Coelho (2002, APUD CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex, p.156) acredita que “o talento excepcional existe em qualquer época, até mesmo na nossa”.

Entra em jogo a sinceridade do escritor, ele aprende a fidelizar o público sem abrir mão da visão do mundo que possui. Neste ponto, a crônica confere o caráter de humanizar os jornais da atualidade. A respeito disso, Melo faz uma forte crítica aos cronistas que desacreditam a inspiração nas notícias atuais:

O cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores. Atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva. É por isso que muitos cronistas (Drummond em especial) buscam inspiração no próprio jornal. Realizam uma tradução livre da realidade principal, acrescentando ironia e humor à chatice do cotidiano, à dureza do dia a dia. Os que se afastam do presente e enveredam pelo saudosismo, pela rememoração dos tempos passados, arriscam perder o público ou o limitam aos seus companheiros de geração. (MELO, p.155, 1994)

Este é um dos motivos pelos quais a crônica tem veia opinativa. É a comunhão entre o talento do escritor e a expectativa criada pelo leitor. Dessa forma, Melo (1994, p.154) resume a atividade do cronista como “um intérprete das mutações que dão nova fisionomia à sociedade brasileira”. Não somente pela questão de simplificação no terreno linguístico, o fato de a crônica brasileira ter um caráter de acompanhamento no que diz respeito ao desenvolvimento do país, a torna um gênero jornalístico privilegiadamente brasileiro.

2.2 BREVE HISTÓRICO DO JORNALISMO NO RIO GRANDE DO SUL

Para compreender os motivos pelos quais os cronistas escrevem com opinião na atualidade, é fundamental que se considere o passado de um estado que já passou por tantas crises no campo social e também político. Desta forma, é possível

que se reflita a respeito de como funciona o texto daquele cronista que hoje se lê em jornais diários. A força da palavra dele é carregada de um pretérito recheado de lutas e, principalmente, repreensões à palavra.

No estado do Rio Grande do Sul a história do jornalismo se torna presente a partir dos periódicos que noticiavam a Revolução Farroupilha (1835 - 1845). Quando ainda estava em vigência a República Riograndense, o jornal intitulado “O Povo” foi um exemplo que tratou de dedicar suas páginas aos acontecimentos da revolução. De acordo com Silva (1986) era redigido por um tenente chamado José da Costa Azevedo, entre outros militares que faziam parte da Armada.

Silva enfatiza as raízes do jornalismo do estado, que começavam a mostrar a que vieram, já naquele período:

O jornalismo gaúcho, como em outros locais, também se iniciou político e doutrinário. São poucos os jornais que não se posicionam com relação à Revolução Farroupilha. Embora com tendências diferentes – que redundaram em múltiplos periódicos – há basicamente duas atitudes adotadas não só pelos órgãos divulgadores, mas também pela população em geral: favorável ou contrária à Revolução Farroupilha. Por isso se tornam importantes os órgãos legalistas, por servirem de esteio às polêmicas levantadas. (SILVA, 1986, p.19)

A época de revolução foi a principal “mola-mestra” (SILVA, 1986, p.115) para que o jornalismo se desenvolvesse e sofresse uma eclosão. Desde os anos de 1800 até a data atual muitos periódicos surgiram e muitos deles também se extinguiram, conforme o que aconteceu por todo o Brasil.

Para Silva (1986,p.115), o jornalismo evoluiu e se separou em duas grandes fases no Rio Grande do Sul: “de consolidação e moderna”, o que revela que muitas edições foram para a rua, desde redações um tanto quanto clandestinas para a época, até os pequenos jornais que pertenciam a um grupo restrito de pessoas e se dirigiam a um pequeno número também como escolas, clubes e grêmios. Até que começaria a fase de se consolidar quem ficaria na lembrança do público e depois a moderna que é a qual Silva se refere sobre o período atual.

A história do jornalismo no Rio Grande do Sul se mistura com a evolução da política no estado. Tudo girava em torno dos dois grupos que estavam em conflito nos anos de 1800, eram eles os legalistas e farroupilhas, que incendiavam os meios de comunicação para defender seus pontos de vista. De um lado os farroupilhas, que defendiam a República Rio Grandense com unhas e dentes e de outro os

legalistas que fariam de tudo para que isso não ocorresse. Segue uma passagem do texto de Gabriel Ribeiro de Almeida (1790), que extrai algum relato do estado naquela época:

Alcançada a vitória ao clarear o dia, refleti eu que os Índios estavam suspensos, e, aproveitando-me da ocasião por ver o susto em que estavam, lhes fiz uma fala em seu idioma, conforme as mais das vezes tinha praticado; animei-os e fiz-lhes ver que a guerra não era com eles, e, para mais atraí-los, os poucos despojos, que achamos neste acampamento, de acordo com o Canto, fiz repartir por eles; isto fê-los tomar a resolução de se unir conosco, e, vendo-nos reforçados com estes trezentos homens, resolvemos investir na capital (São Miguel), que estava à vista. (CESAR, 1998, p.170)

Passada a fase da Revolução Farroupilha, entre 1835 e 1845, com a chegada do século XX, o que importava agora era a busca pela consolidação. Os jornais neste momento passaram a se preocupar com a estrutura. Visavam a funcionar como empresas de grande porte e o que realmente importava era o volume de vendas.

Já era início dos anos 1900 e os jornais começavam a investir em uma melhor diagramação. Já estavam presentes as fotografias, o que significava um grande salto em questão de tecnologia para as publicações. Silva (1986, p.117) lembra que esta fase ficou conhecida como “o momento do aperfeiçoamento técnico e editorial de nossos jornais”.

Com a chegada dos anos de 1900 o estado ainda passava por uma forte instabilidade política e social. Pela ótica de Noronha (2008, p.124), existiam algumas razões pelas quais a informação não chegava a todos os públicos:

O estado gaúcho possuía além dos problemas causados pelas guerras civis, uma baixa tendência de ampliar o ensino de massa, regiões isoladas (como as de colonização alemã e italiana) e ainda uma disparidade regional na logística de informações, que dificultava o acesso mais ampliado dos debates intelectuais e políticos do período, restrito apenas a uma pequena elite dirigente. (NORONHA, 2008, p.124)

É possível que se trace um panorama desde aquela época e se entenda muitos dos motivos pelos quais a imprensa atual funciona de tal maneira. Sobre esta reflexão, Noronha (2008) atribui a maneira de se fazer o jornalismo no Rio Grande do Sul à marginalização, que ocorreu até 1930, em função das tradições políticas no Brasil.

Para Noronha (2008,p.125), a “Campanha de Nacionalização” “deu início ao processo de unificação e desregulamentação das culturas regionais que ainda se faziam presentes no contexto anterior ao de 1930”. O que ocorria é que Getúlio Vargas, o então presidente do Brasil, organizou um conjunto de ações para integrar os imigrantes que estavam no país, com o objetivo de aproximar diferentes culturas e determinar que houvesse comunicação em apenas uma língua, o português.

No mesmo contexto entrava em debate o mercado cultural no estado, que tinha como foco a edição de livros. Como era um tabu, e por vezes, ainda pode ser, que alguém sobreviva de literatura, nos anos 1900 não era diferente. Em nível de informação, Noronha (2008, p.126) relembra que os escritores foram impulsionados a “projetarem um interesse sobre seu profissionalismo, desvinculando assim o campo literário como uma prática paralela ao de outra profissão”. Mais uma brecha que se abria para os cronistas da época, que em muitas situações, só tinham o trabalho reconhecido com as obras publicadas em jornais, como é muito frequente que aconteça ainda no século XXI.

2.3 CRÔNICA E CULTURA DE MASSA

Na atualidade é fácil que se caia em uma visão totalizadora sobre diversos assuntos. Isso porque, segundo Adorno (2009, p. 5) “a cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança”. Ou seja, as situações, objetos e pessoas se parecem de tal maneira, que o ser humano, por conforto ou convenção, julga e massifica todos esses contextos.

Para Adorno (2009) esta totalização e aprisionamento se devem ao sistema capitalista. Segundo ele, o poder total do capital serve de antítese para essa sensação. Na mesma linha seguem os meios de comunicação e as artes, que sofrem um empacotamento, perdendo assim sua essência em favor do mercado. Sobre isso o autor afirma:

Mais próxima da realidade é a explicação baseada no próprio peso, na força da inércia do aparato técnico e pessoal, que deve ser considerado, em cada detalhe, como parte integrante do mecanismo econômico de seleção. Junta-se a isso o acordo, ou, ao menos, a determinação comum aos chefes executivos de não produzir ou admitir nada que não se assemelhe às suas tábuas da lei, ao seu conceito de consumidor, e, sobretudo, nada que se afaste de seu auto-retrato. (ADORNO, 2009, p.7)

Parece que, na modernidade, a arte e a informação devem servir ao mercado, e não o contrário. Porém, esta máxima é extremamente perversa uma vez que não tem compromisso com o ser humano. E esta premissa também atinge a crônica nos veículos de grande circulação da mídia hegemônica, que como gênero jornalístico literário, poderia ser um instrumento de ampliação de conhecimento.

A crônica, quando tratada apenas pelo viés da comunicabilidade, da fácil assimilação, pode ser encarada como uma literatura simplista, generalista, que atua na consolidação de um certo padrão de mentalidade vigente, em geral o da classe dominante.

Como exemplo, a seguir um trecho do estudo de Adorno, que é uma sugestão de um paralelo entre a crônica e a maneira como a liberdade é interpretada na atualidade:

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Esta oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade. (ADORNO, 2009, p.62)

Adorno (2009) afirma que, na atualidade, as pessoas pensam agir por vontade própria em seu tempo livre, só que, pela ótica do autor, mesmo no ócio, o ser humano segue padrões e convenções. Muitas delas são impostas pela grande mídia. Não que a televisão ou o jornal estampem escancaradamente uma conduta a ser seguida, mas implicitamente, desejam condicionar as pessoas a seu favor, ao que defendem. Adorno (2009) exemplifica essa premissa com grande sensibilidade:

Em entrevistas e levantamentos de dados, sempre se é questionado sobre o seu hobby. Quando as revistas ilustradas informam a respeito de algum figurão da indústria cultural, falar dos quais é, por sua vez, a ocupação principal da indústria cultural, poucas vezes perdem o ensejo de relatar algo mais ou menos íntimo sobre os hobbies dos mesmos. Quando me toca essa questão, fico apavorado: Eu não tenho qualquer hobby. Não que eu seja uma besta de trabalho que não sabe fazer consigo nada além de esforçar-se e fazer aquilo que deve fazer. Mas aquilo com o que me ocupo fora da minha profissão oficial é, para mim, sem exceção, tão sério que me sentiria chocado com a idéia de que se tratasse de hobbies, portanto ocupações nas quais me jogaria absurdamente só para matar o tempo, se minha experiência contra todo tipo de manifestações de barbárie — que se tomaram como que coisas naturais — não me tivesse endurecido. Compor música, escutar música, ler concentradamente, são momentos integrais da minha existência, a palavra hobby seria escárnio em relação a elas. Inversamente, meu trabalho, a produção filosófica e sociológica e o ensino na universidade, têm-me sido tão gratos até o momento que não

conseguiria considerá-los como opostos ao tempo livre, como a habitualmente cortante divisão requer das pessoas. (ADORNO, 2009, p.63)

O autor logo em seguida reconhece que pode ser privilegiado por viver dessa maneira, pensando que o tempo livre tem mesmo peso que o tempo de trabalho. E é justamente essa percepção que falta ao cronista de grandes empresas como a Zero Hora. Reconhecer que a visão totalitária é algo para ser extinto da grande mídia, para ser combatido.

Adorno (2009) julga o pensamento totalitário como uma atitude burguesa, que “coisifica” qualquer comportamento. Sendo que existem comportamentos, como o tempo livre, que simplesmente não podem, ou não deveriam ser “coisificados”. Ou seja, que não houvesse uma medição atrás de erros das pessoas a todo momento na sociedade moderna. Porém, é propriamente isso que os meios de comunicação, bem como os cronistas, continuam a fazer.

3 A CIDADE MODERNA

A modernidade é uma grande aventura.

No ensaio 'Tudo o que é sólido desmancha no ar', Berman (1986) se vale de uma figura de linguagem de Marx para caracterizar a inconstância a partir do surgimento da modernidade, essencialmente a partir do século XIX, em que o progresso vai suprimindo parte da história, em que o desenvolvimento urbano muitas vezes passa literalmente por cima da vida das comunidades, erguendo viadutos onde haviam casas, ou derrubando matas para redesenhar estradas, por exemplo. "Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos" (BERMAN, 1985, p. 9).

O mundo caminhou até o século XX bifurcado entre razão e emoção. As pessoas acreditavam que uma poderia ser separada da outra e que todas as áreas da vida estavam definidas assim. A modernidade esteve confundida com a ideia de não misturar os sentimentos com o desenvolvimento. Berman (1986) já percebia este infortúnio antes da chegada do novo século:

Esse dualismo, generalizado na cultura contemporânea, dificulta nossa apreensão de um dos fatos mais marcantes da vida moderna: a fusão de suas forças materiais e espirituais, a interdependência entre o indivíduo e o ambiente moderno. Mas a primeira grande leva de escritores e pensadores que se dedicaram à modernidade – Goethe, Hegel e Marx, Stendhal e Boudelaire, Carlyle e Dickens, Harzen e Dostoievski – tinham uma percepção instintiva dessa interdependência; isso conferiu a suas visões uma riqueza e profundidade que lamentavelmente faltam aos pensadores contemporâneos que se interessam pela modernidade. (BERMAN, 1986, p. 129)

Uma cidade que se considera realmente moderna entende que o que há dentro do pensamento dos seus habitantes é parte constituinte do seu desenvolvimento. Assim como as edificações e pavimentos devem estar perfeitamente construídos para o bom funcionamento de uma cidade, as psiques de quem os usufrui também precisam estar saudáveis.

A confusão entre desenvolvimento material e pessoal causa conflitos entre as pessoas. Porque no mesmo momento em que pensam estar em franco progresso, em uma corrida em busca de mudança, esquecem de observar o que acontece

primordialmente dentro de si. Berman conclui que a modernidade é algo transitório e indefinível:

Segundo a tendência moderna de fazer tudo novo: a vida moderna do ano que vem parecerá e será diferente da deste ano; todavia, ambas farão parte da mesma era moderna. O fato de que você não pode pisar duas vezes na mesma modernidade tornará a vida moderna especialmente indefinível, difícil de apreender. (BERMAN, 1986, p. 139)

A busca por ser um herói do tempo e conseguir alcançar diversas mudanças ao longo da vida é um aspecto que também desencadeia frustração. Em sua obra, Berman (1986) analisa o texto “O Pintor da Vida Moderna” de Boudelaire ainda do ano de 1845, em que ele relatava a ineficiência que o homem moderno tem em aproveitar o momento presente em vez de ficar se preocupando com o dia de amanhã. Surge a figura do flâneur:

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente. (BAUDELAIRE APUD BERMAN, 1996, p. 129)

O que se sobressai na obra do autor é que ele comenta que praticamente nenhuma mudança ocorreu. E fazendo uma comparação com o tempo presente, já no século XXI, pouca coisa se alterou.

A modernidade agora tenta, a passos lentos, ir na contramão do que se constituiu ao longo de muito tempo. Esse esquecimento de tratar de pessoas como seres que não podem ser desintegrados por áreas de interesse. Uma luta para demonstrar que as pessoas são a junção de todas as experiências que tiveram, que de nada vale desejar ser moderno, se não é possível identificar a sensibilidade de quem está ao lado. Berman (1986, p.129) se mostra um apaixonado pela arte de Boudelaire e mais uma vez ressalta que ele “nos mostra algo que nenhum outro escritor pôde ver com tanta clareza: como a modernização da cidade simultaneamente inspira e força a modernização da alma dos seus cidadãos”.

A origem da escrita de Boudelaire veio dos folhetins, assim como das crônicas. Toda a publicação do autor também aparecia em tom de reflexão, um

molde diferenciado dos formatos de um jornal tradicional. Algumas vezes, a opinião era implícita nos pequenos textos de folhetins para concordar com a opinião da editoria. Nada muito longe do que se tem hoje, uma escolha pontual dos colunistas de um periódico e uma seleção cirúrgica de cada ideia publicada.

Berman (1986, p.131) sugere que “divisamos outro modernismo potencial: o protesto revolucionário que transforma a multidão de solitários urbanos em povo e reivindica a rua da cidade para uma vida humana”. Ou seja, a população caminha solitária pelas cidades, mas pode obter a coragem de se reunir e pedir por mais humanização nas relações. Sendo assim, a concepção do autor vem ao encontro do que se propõe este estudo, uma sensibilização a respeito da vida em cidade, tendo como meio as crônicas.

Nada mais primário e eficaz quanto a comunicação para promover esta mudança. Reconhecer o outro no espaço urbano para então construir uma imagem diferente do lugar onde vive. Na opinião de Brandão, isso ainda leva um longo tempo, mas quando ocorrer, uma nova maneira de viver será instaurada:

A cidade empreenderá, na verdade, por longo tempo, a interdição do capital e seus pressupostos: em lugar da competição, a cooperação; em lugar do interesse individual, o interesse do grupo; em lugar da acumulação, a reprodução; em lugar da universalização abstrata do valor de troca, a singularidade irreduzível do valor de uso. (BRANDÃO, 2006, p.40)

As cidades no futuro podem ser promotoras da integração e aí sim viverem na modernidade, em locais extremamente civilizados onde o interesse coletivo é a sustentação de todas as atividades cidadinas. Brandão (2006, p.41) acredita que “a liberdade moderna não criou o mercado, mas o humanismo moderno”, humanismo esse que é escasso nas cidades atuais, mas que já se percebe projetos e mobilizações para atingir a meta da humanização, no caminho contrário ao do capitalismo desenfreado, onde o único objetivo é o lucro. Para Brandão (2006) a saída para esta visão estaria na arte:

Da mesma forma que os modernistas do século XX pensaram edifícios, cidades e sociedades apostando na capacidade de eles conduzirem a humanidade para uma vida melhor e mais feliz, também Alberti aposta na arquitetura e no urbanismo como instrumentos fundamentais para construir uma alternativa futura mais justa aos seus contemporâneos. Através da arte trama-se aquilo que ainda não habita a realidade humana: uma totalidade orgânica e uma harmonia cidadina e política capazes de educarem hábitos e habitats mais cívicos, vencerem a incessante mutabilidade institucional e

resistirem ao progressivo desaparecimento da liberdade comunal em curso na segunda metade do século XV. (BRANDÃO, 2006, p.68)

Fica claro que a arte nas grandes cidades serve como uma forma de fuga do cotidiano regrado. O autocontrole que sufoca, encontra na arte uma maneira de evasão e deleite. A vida expressa pela arte se mostra livre, do jeito que supostamente o ser humano deseja ser secretamente. A arte nas cidades se apresenta por muitos meios, um deles é a crônica, em razão da fácil leitura e também escrita. A crônica além de arte, é instrumento de expressão quando se trata de externar os sentimentos.

Outro conteúdo abordado por Brandão (2006) é a função da cidade como um espaço que dá sentido à vivência e por isso também serve de inspiração para a escrita:

A cidade é o doador de sentido à existência individual e do aprimoramento de nosso corpo, nosso espírito e dos usos e hábitos de nosso tempo. Seu espaço, apesar dos tempos atuais, não é mera extensão ou somatória dos espaços privados, pois a sua natureza, sentido e função, são completamente diversos e, por excelência, é nele que a humanidade do homem se forma. (BRANDÃO, 2006, p. 61)

De maneira mais simples, a cidade é o contato direto com a obrigação de crescer civilizadamente. Na cidade se delineia a personalidade das pessoas, com diretrizes das mais diversas origens. Pode-se notar até mesmo nas instituições de ensino da metrópole, que muitos níveis de educação e condutas opostas são colocados no mesmo lugar. Que esta reunião, ainda na infância, é resultado antagonismos de grande relevância.

Mesmo com todas as divergências existentes na cidade, em todos os setores é possível observar o quanto faz falta que os integrantes se percebam como semelhantes. A impressão que fica é que quanto mais populosa uma cidade for, menos os habitantes conseguem se reconhecer como partes do mesmo lugar. Eles apontam os erros de quem vive ao seu lado, porém não notam que dividem o mesmo espaço. E que, para coabitarem em harmonia, é natural que troquem suas experiências. É fundamental que se comuniquem.

3.1 A CIDADE NO IMAGINÁRIO

Cidade é um emaranhado de diferentes arquiteturas que constroem uma identidade visual para um lugar. Porém, existem muitos elementos que dependem da percepção pessoal de cada indivíduo para que sejam reconhecidos. E este é um dos motivos pelos quais cada pessoa enxerga e vive em uma cidade diferente, por mais que morem no mesmo lugar. É a cidade imaginária, aquela em que se constroem as perspectivas de acordo com os interesses e desejos ocultos.

Para Calvino (2002), as cidades são construídas pelas percepções de cada pessoa. A respeito disso ele reflete:

As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas. (CALVINO, 2002, p. 44)

Em “Cidades Invisíveis”, Calvino recria o cenário de muitas civilizações. Porém, nenhuma delas existe. O que mais fascina é que, mesmo sem saber onde ficam estes lugares ou mesmo entendendo que nenhum deles está no mapa, o autor é capaz de definir as mais diversas nuances de um centro urbano. Ele retoma o pensamento sobre do que é feita a história de uma cidade:

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 2002, p.14 e p.15)

Na visão de Calvino (2002), as cidades são carregadas de história por onde quer que se vá. Cada passo que se dá pelas ruas é mais uma página a ser redigida. Um exemplo são as multidões de turistas, que se deslocam para cidades importantes no desenvolvimento do mundo, somente para poderem construir a sua própria caminhada em lugares que já serviram de cenário para acontecimentos históricos.

As cidades são compostas daquilo que seus moradores constituem ao longo da história. E, mesmo que uma pessoa não viva em determinado lugar, quando ela passa por esta localidade, ela deixa vestígios da sua personalidade e também contribui para que uma cidade tome forma. É como se os lugares criassem vida própria.

Para Morris (1996) muito se confunde os termos ao definir o que é uma cidade. Na ideia do autor, o vocábulo “selva de pedra” está equivocado, pois ele acredita que uma maneira mais sensata de se explicar as metrópoles atuais seria comparando as cidades com os zoológicos, e seus moradores com os animais enjaulados:

A comparação que devemos fazer não é entre o cidadão e o animal selvagem, mas entre o cidadão e o animal em cativeiro. O animal humano moderno não está mais vivendo em condições naturais para sua espécie. Preso não por uma cela de zoológico, mas pela própria mente brilhante, ele se colocou em um enorme, zoológico de inquietude onde está em perigo constante de entrar em colapso. (MORRIS, 1996, p. 7 e p.8)

A cidade, a esta altura, serve como uma prisão dos sentimentos. Exige-se muito de todos os integrantes do meio urbano e existe uma discrepância em diversos aspectos como o trabalho, vida pessoal e conflitos internos. É muito complicado concatenar todas as áreas da vivência, ao mesmo tempo em que se deve manter determinado padrão para ser aceito na sociedade: uma lei do silêncio, determinadas regras de conduta, regras de vestimenta, rotinas de higiene pessoal, tempo de descanso, etc. Nada disso é considerado natural ao ser humano. São apenas detalhes que as civilizações criaram para organizar a vida em grupo, porém, sem uma avaliação mais profunda, os humanos não percebem o quanto tais atitudes contribuem para uma sociedade doente.

Na concepção de Morris (1996, p.9) “como o resultado da artificialidade da inflação da vida social humana para o nível de super-tribo, se tornou necessário introduzir formas mais elaboradas de controle para se manter as maiores comunidades juntas”. Ele entendeu em seu estudo que houve inúmeros benefícios proporcionados por esta vida de “super-tribo”. Porém, as civilizações precisaram pagar por isso através da disciplina. Uma crescente e, diversas vezes, exagerada disciplina.

O que contribui para a construção da pressão do mundo moderno, para Morris (1996, p.11), “foi obviamente a perda da identidade local”. É uma observação a ser levada em consideração, sendo que, é facilmente reconhecida nos jornais da atualidade. As publicações se agarram às crônicas de autores locais, para tentar uma reaproximação com o leitor que, na atualidade, tem acesso a informações do

mundo todo e pode ter perdido a capacidade de se situar no contexto em que vive. Uma das crises da atualidade é justamente esta.

No estudo desenvolvido por Morris (1996) fica claro que a falta de identificação com o lugar onde se vive é um desajuste. O sentimento de deslocamento causa alguns danos. O autor relata que estas perdas estão justamente no setor de mais necessidade para o ser humano: a convivência. E quanto maior e mais populosa for uma cidade, mais dificuldade as pessoas encontram na troca entre seus semelhantes. É o que aborda Losso (2010) em sua tese de mestrado apresentada à UNESP (Universidade do Estado de São Paulo):

Bhabha, em seu texto *Locais da cultura* (1998), logo no quarto parágrafo, faz um questionamento de extrema importância para a literatura contemporânea: “De que modo se formam sujeitos nos ‘entre-lugares’, nos excedentes da soma das partes da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)?” (p.20). Ou seja, de que modo podemos pensar questões de identidade em um local e tempo contemporâneos, cuja característica é a não-fixidez, o movimento, uma certa fluidez do que antes era tido como estático, um pouso-seguro? Questionamento esse relevante no estudo da obra *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003), do autor português António Lobo Antunes. (LOSSO, 2010, p. 986)

Losso (2010) comenta em sua tese sobre como os lugares são “intersticiais” na atualidade, que mesmo as coisas sofrendo mudanças constantes, elas ainda não se tornaram completamente outra coisa. O autor endossa que por mais que os elementos dos lugares estejam lutando para se manterem intactos, as polaridades se permitem uma mescla. Com essa colocação ele justifica a busca das minorias por uma sociedade alternativa:

Esse processo de articulação é um processo dinâmico, de permanente troca, que se dá na tentativa de essas minorias encontrarem uma identidade própria, constituída por esses hibridismos e distante dos pólos fixos tradicionais. Ou seja, também o conceito de identidade é um processo em movimento. (LOSSO, 2010, p.989)

Um dos efeitos desse lugar “intersticial” é que o ser humano torna-se competitivo à medida que percebe a necessidade de se vincular a uma determinada sociedade. O contrário disso, quando, as pessoas não se reconhecem dentro de um grupo, pode ser interpretado como exclusão social. No mundo atual, é cobrado que o ser humano assuma certas posições e isso cria inúmeras barreiras entre as pessoas. O que de longe, para Morris, foi uma desvantagem da vida nas metrópoles:

As super-tribos deram origem aos super-líderes, exercendo poderes que fizeram os macacos velhos tiranos parecerem positivamente benignos. Também deram origem aos super-subordinados em forma de escravos, os quais sofreram subserviência de uma maneira mais extrema que nenhum nem mesmo o mais modesto dos macacos poderia imaginar. (MORRIS, 1996, p.22)

O diálogo proposto por Morris (1996) tem ligação direta com o estudo de Losso(2010) a partir da afirmação:

O caráter fragmentário do sujeito presente na contemporaneidade e a submissão que essa representação do 'si mesmo' tem em relação ao mundo cultural que rodeia esse sujeito são os pontos que nos fazem ter que pensar identidade mais como um processo que como conceito. A construção múltipla não permite um jogo binário de identificação (entre branco e negro, por exemplo), pois várias categorias dialogam simultaneamente, como raça, gênero, classe social. (LOSSO, 2010, p. 989)

Quando o ser humano perde a referência do lugar onde vive, passa a não ter a capacidade de reconhecer as pessoas com quem troca alegrias e divide as angústias. Ele só consegue ver o mundo dividido ao meio, em uma limitada visão que se alterna entre o bem e o mal. E primordialmente se baseia nas características externas do outro. Então esses indivíduos se sentem incapazes de enxergar e criar possibilidades em um momento de crise interna. Calvino (2003) lembra que uma cidade, bem como um ser humano, nunca é duas coisas apenas, porque é imprescindível se impor diante da vida cidadina:

Dito isto, é inútil determinar se Zenóbia deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados. (CALVINO, 2003,p.36 e p.37)

As cidades de Calvino (2003) são imaginárias, porém os dilemas relatados são mais do que reais. Eles estão presentes em periódicos, através das notícias que retratam o desatino que o ser humano vive na atualidade. Depois disso, as crônicas tentam juntar as pontas soltas que uma notícia deixa na cabeça do leitor. Outra face das crônicas está na interpretação das dificuldades cidadinas. Elas podem até ser externas, mas é no imaginário que se instalam para dar origem às atitudes.

3.1.1 Pulsões da cidade

A cidade, em uma tentativa de interpretação, é um acúmulo de pulsões de vida Eros, morte, Tânatos, como define Freud:

A Pulsão de Vida impeliria o organismo em direção à formas cada vez mais diferenciadas, tendo um caráter unificador e, portanto de natureza sexual. A Pulsão de Morte, pelo contrário, impele o organismo no sentido de uma descarga imediata. Esta por sua vez resultaria, em última instância, no esforço mais fundamental inerente à toda substância viva que é o retorno ao estado inanimado, com a eliminação de toda tensão existente. (Freud, 1920, págs 53-61, 58-59, 83-85)

Quando se noticia sobre determinado local e, conseqüentemente, a comunidade que vive nele, é necessário que se imagine, antes de tudo, o porque a vida funciona de tal maneira ali. Do mesmo modo, um cronista também carrega o peso dessa responsabilidade em seus ombros. O que difere o gênero jornalístico literário é a possibilidade de opinar. Algo que pode ser feito, mas é indispensável que se analise a complexidade de uma cidade frente a uma ideia particular. Gomes (1994) endossa o cuidado que se deve ter ao se definir qualquer memória da cidade:

O seu livro de registro preenche-se do que ela produz e contém: documentos, ordem, inventários, mapas, diagramas, plantas baixas, fotos, caricaturas, crônicas, literatura...que fixam a sua memória. Cidade e escrita, indissolúvelmente ligadas, impulsionam-se pela necessidade de memorização, medida e gestão do trabalho coletivo. (GOMES, 1994, p.23)

Na cidade mora um mundo de vibrações pedindo para serem escritas. É a fusão entre diferentes culturas que fervilham juntas e demandam muito cuidado ao serem narradas.

As cidades precisam ser tratadas com um olhar humanizado. A modernidade que o público deveria ter acesso, pode estar baseada nas próprias pessoas. Na busca por imagens próximas aos cidadãos, já que os cidadãos em si são as cidades. Devido a isso, as duas pulsões já citadas podem ser observadas na vida em cidade. É substancial que se reflita as pulsões já elencadas antes de aprofundar a pesquisa sobre o urbano:

1 - Eros, ou Pulsão de Vida: é aquela que faz o ser humano acordar todos os dias e procurar por emoção dentro da rotina. Um novo olhar dentro do seu cotidiano. É a vontade que faz as pessoas buscarem novos horizontes, viajarem para

diferentes cidades, romperem barreiras e atravessarem fronteiras em busca de melhores condições (autopreservação).

A pulsão de vida pode ser detectada quando o ser humano é colocado em uma situação que demanda escolha, quando o indivíduo sabe que para pulsar de outra maneira, vai precisar se desfazer de algo e começar uma nova organização de pensamentos e atitudes. Está ligada à pulsão sexual, na linha freudiana. Em diversos contextos, o sexo ainda é tratado como tabu. Por outra via, está para algumas pessoas como uma maneira de perpetuar a espécie, um fator que serve estritamente para a procriação. Nas grandes cidades, é significativo o número de pessoas que também ligam o sexo aos conflitos internos. Pode ser observado este dado através do alto nível de crimes sexuais.

Esta pulsão é fator decisivo para a vida nas megalópoles, onde a população é numerosa e os espaços, por consequência, tendem a ser reduzidos. As pessoas são condicionadas a viverem em ambientes onde têm mais contato físico e intelectual, assim propiciando um maior excitação da pulsão, que precisa ser contida.

2 - Tânatos, ou Pulsão de Morte: nas grandes cidades a morte é muito mais corriqueira, já que a concentração de pessoas e a circulação de informação, tende a banalizar as ocorrências. Além disso, são altos os níveis de criminalidade, principalmente estimulada pelas condições de desigualdade social, pelo emergir das tensões em violência.

O lado obscuro, no entanto, pode ser estimulado para a vida quando o ambiente propicia o desenvolvimento e a criatividade.

Trabalhando para Eros, a pulsão de morte pode ser intensamente criativa. Como escreve Garcia-Roza (1995) a partir do desarranjo causado pela pulsão de morte é que se pode ir em busca do diferente, do novo. A nossa agressividade pode e deve ser utilizada em prol da vida. Nossos desligamentos podem nos fazer crescer. É preciso que conheçamos esse “demônio oculto” e que o coloquemos para trabalhar a nosso favor. (RODRIGUES, 2015, p.4)

No que diz respeito ao interesse em discutir a vida em cidade, Pesavento (2002) afirma:

Se a cidade se impõe como problema e, portanto, como tema de reflexão e objeto de estudo, ela se oferece como um campo de abordagem para os estudos recentes sobre o imaginário social. Nossa contemporaneidade é atravessada pelo domínio das imagens, pela criação de uma realidade virtual, pela expansão da mídia e pela constituição de um mundo que se

parece. Em suma, o imaginário, como sistema de ideias e imagens de representação coletiva teria a capacidade de criar o real. (PESAVENTO,2002, p.8)

As cidades reconstituem as imagens que estão dentro da mente de seus habitantes, bem como os sonhos, que também são outro fluxo imaginário que contribuem para a formação de uma ideia de lugar.

3.2 AS CIDADES LITERÁRIAS

A literatura não somente reconstitui uma experiência de lugar, como também a formula. Assim, uma cidade ganha contornos subjetivos na produção literária, que terminam por compor o seu mapa imaginário. Uma crônica, neste aspecto, é, nem mais nem menos, que uma representação narrativa de um lugar aberto a inesgotáveis interpretações.

De acordo com Pesavento (2002), a literatura faz parte do imaginário urbano e vice-versa. A autora acredita que as narrativas “traduzem não só as transformações dos espaços, como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes” (PESAVENTO, 2002, p. 34). Isto é, se percorrer uma obra literária sobre o mesmo local em diferentes datas, será possível não apenas notar as diferenças nos cenários, como também as influências que seus moradores receberam.

O olhar literário para a cidade também faz parte da cultura deste local. Para Pesavento (2002, p.37) o olhar literário “sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto”. Neste ponto, o autor empresta um pouco de suas percepções e concepções para auxiliar o leitor a criar seus próprios cenários citadinos.

Pesavento (2002, p.124) conclui que, “se é o olhar que qualifica o mundo, a narrativa literária ordena o real e lhe confere um valor”. Esta colocação é oportuna pois existem determinados espaços dentro de uma cidade que não recebem o devido valor. Por diversas vezes, as pessoas caminham pelas ruas e não reparam nos cenários que estão diante dos seus olhos. Os escritores, em especial os cronistas a serem analisados, retratam uma cidade diferente. A cidade que se mistura aos sentimentos ocultos e faz com que os habitantes se reconheçam em meio ao caos.

As dificuldades dentro de uma cidade são as molas propulsoras para a modernidade. Isso se dá pois a modernidade em si está ligada às novas tecnologias, à arquitetura futurista e a busca por um transporte público que possa contemplar a todas as populações. Pesavento (2002, p. 317) replica que “a rigor, o discurso de progresso teria seus arautos nos produtores oficiais da cidade, detentores de cargos públicos e setores estratégicos responsáveis pelos problemas urbanos e pelas ações diretas sobre a cidade”. Quanto a esta afirmação, no mundo moderno, até mesmo a visão literária caiu em desonra quando se trata de discutir a eficiência dos setores públicos. O cronista em meio a esta infâmia, aplica suas vivências pessoais, como cidadão, para gerar uma aproximação com o público.

Para Gomes (1994,p.24) a leitura das cidades se dá por “aproximações, tentativas, rascunhos”. O autor aposta que, a cidade, mais do que qualquer outro meio, necessita de uma leitura por via das interpretações de cada pessoa. Ele inclusive aponta que:

O texto é relato sensível das formas de ver a cidade, não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica, que cruza lugar e metáfora, produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. Essa cidade se torna um labirinto de ruas feitas de textos, essa rede de significados móveis, que dificulta a sua legibilidade. (GOMES, 1997, p. 24)

A dificuldade de entender uma cidade também serve como ponto de partida para a visão literária. O desenvolvimento ou a falta dele se contrapõem em mais uma construção de ideia acerca das cidades. As metrópoles passam a necessitar dos recursos das metáforas para que, de uma maneira muito sutil, se tornem um universo minimamente compreensível.

A complexidade de uma cidade está propriamente no emaranhado de existências, coexistências e diversificações de um mesmo tema. Gomes (1997, p.25) traduz a colocação e argumenta que “a emotividade filtra a visão do eu que tenta recuperar pela memória as suas vivências e abdica da possibilidade de totalização”. Portanto, as cidades não são contextos passíveis de qualquer conclusão. Isso porque a metaforização abre um sem número de interpretações e cria novos olhares para o urbano. Principalmente no que se refere aos sentimentos incutidos em cada ser.

É pouco provável que uma cidade seja descrita em sua totalidade pelo simples fato de que é um ambiente transitório. Há sempre uma corrosão causada pelo tempo nas edificações de dado local, bem como nas pessoas que nele habitam. Gomes (1997, p.26) aperfeiçoa e percebe que a cidade trabalha com a “linguagem dobrada, em busca de ordenação”. A cidade tenta a todo momento se recolocar em um trilho na história, porém, este desejo ainda funciona como uma idealização. Os centros urbanos carecem de definições, mas é útil que não se feche uma visão totalitária sobre eles. A alma de uma cidade está precisamente debruçada sobre os fatores variáveis. Gomes (1997) reflete a respeito disso:

As transformações sucessivas impedem a permanência da tradição que daria o sentido de pertença. As experiências, ou melhor, as vivências do eu consistem numa sequência de rupturas e descontinuidades. O olho não mais sociável constata as diferenças e põe em dúvida a fusão com a cidade. (GOMES, 1997, p. 31)

É possível que a tradição de um local desacelere o seu progresso intelectual. A mudança constante é um vértice que pode ser bom quando se trata de ampliar a visão sobre o mundo. Ou seja, é saudável que ocorram transições de pensamentos sobre uma cidade e suas representações. A oscilação dos sentimentos direcionados a um espaço, faz com que ele se desenvolva a cada dia mais. Por esta razão, quando a busca por entendimento de tal se torna o cerne da questão para um grande número de habitantes, é interessante que se observe se a tradição está a excluir novos olhares.

Os habitantes estão para as cidades como personagens principais da sua história. A todo momento a população também convive com o trânsito humano. Chegam e partem imigrantes, migrantes, crianças que nascem e também pessoas que morrem, com todos estes, incontáveis novas percepções. Muitos costumes acoplados ao que já se conhece e assim, uma oportunidade de se desfazer de certos preconceitos já incutidos nos antigos moradores. A nova perspectiva sobre uma cidade só vem a acrescentar para sua cultura.

Sobre a experiência nos centros urbanos De Simone (2012, p.64) complementa que “a cidade permite algo diferenciado para a experiência social: o convívio com o desconhecido”. E é justamente o mistério de não saber exatamente o que o morador ao lado faz, que incentiva as pessoas a construir imagens mentais. Para De Simone (2012) a cidade oferece duas possibilidades opostas, ao

mesmo tempo que pode ser encarada como um universo de novidades e oportunidades, o contrário é a visão amedrontadora que uma metrópole apresenta. Muitas vezes, o ser humano cria enredos para o outro muito distantes da realidade. Essas criações da mente, por diversas vezes, acabam por gerar um medo exacerbado, assim afastando as pessoas. Para De Simone (2012), o que falta nas cidades é o sentimento de leveza, é o flunar:

Flunar não parece mais ser uma atividade cabível nos dias atuais de uma cidade grande. Seja pela falta de tempo (pressão exercida por um trabalho sufocante) ou pelo medo que há na nuca das pessoas ao se imaginar vagando pelas ruas sem ter um destino certo, sem saber aonde ir, sem saber para qual local privado se dirigir depois de sair de um outro deste mesmo tipo. Talvez seja uma arte perdida, talvez praticada por muito poucos atualmente. (DE SIMONE, 2012, p. 99, p.100)

O autor afirma que a ausência da leveza ao se olhar para as situações de uma cidade é o motivo da reclusão das pessoas. Neste ponto, os centros urbanos se transformam em centros de isolamento. Por mais que estejam superpopulosos, ainda assim estão marcados pela solidão, que é o eixo central deste estudo.

4 SOLIDÃO URBANA E A MODERNIDADE LÍQUIDA

A modernidade é uma viagem que se resume à procura pela novidade. Na atualidade, as pessoas não suportam mais a monotonia e ficam entediadas com grande facilidade. Para Bauman (2001) essa condição da vida contemporânea chama-se “modernidade líquida”:

O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas por um momento. Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa. Ao descrever os sólidos, podemos ignorar inteiramente o tempo; ao descrever os fluidos, deixar o tempo de fora seria um grave erro. (BAUMAN, 2001, p.9)

Assim como não é possível que os líquidos tomem forma e o tempo é o fator mais importante para tais, os fluidos também têm a característica de se adaptarem com facilidade. A vida humana no século XXI está diretamente ligada à mudança e também à rapidez com que isso acontece. Mais que uma situação de vida, tornou-se uma obrigação que se mude com naturalidade. Bauman (2001, p.12) explica que “essas são razões para considerar 'fluidez' ou 'liquidez' como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade”.

O ser humano está submetido à urgência de conseguir se adaptar a qualquer contexto e, caso encontre algum obstáculo, deve estar apto a deixar para trás o que lhe incomoda para buscar uma alternativa. Essa inconstância tem causado a sensação de incapacidade e incerteza. Por outro lado, tem incentivado as pessoas a procurar por aquilo que realmente as satisfaz, diferentemente de outra época, em que permaneciam dependentes de um lugar e de outras pessoas.

Durante muitos séculos o ser humano foi explorado por outros seres humanos com maior poder com certa naturalidade, uma vez que não havia expectativa, a não ser em raros casos, de mobilidade social. A classe social dominante, desde a sua formação, pensava ser superior. Para Giddens, por meio da ideia central constituída

por Marx, o dinheiro é que corrompe a expectativa de libertação dos modelos tradicionais:

A natureza do dinheiro tem sido amplamente discutida em sociologia e constitui obviamente uma preocupação permanente da economia. Em seus primeiros escritos, Marx falava do dinheiro como a “prostituta universal”, um meio de troca que nega o conteúdo dos bens e serviços substituindo-os por um padrão impessoal. O dinheiro permite a troca de qualquer coisa por qualquer coisa, a despeito dos bens envolvidos partilharem quaisquer qualidades substantivas em comum. Os comentários críticos de Marx sobre o dinheiro prenunciam sua distinção subsequente entre valor de uso e valor de troca. (GIDDENS, 1991, p. 30)

Para Giddens (1991, p. 31) a perversidade do dinheiro está na desconfiança que ele causa. O autor aposta que “é no dinheiro enquanto tal que se confia, não apenas, ou mesmo primariamente, nas pessoas com as quais as transações específicas são realizadas”. Isto é, as pessoas depositam confiança em uma moeda, mas esquecem que por trás dela existe uma pessoa.

De acordo com Giddens (1991, p.32), a confiança nada mais é do que um depósito de “fé”, “na qual a segurança adquirida em resultados prováveis expressa mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva”. Refletindo sobre a representação do dinheiro na atualidade e a maneira como se confia nele, assimila-se que este símbolo é pouco inteligente, bem como o ser humano que dedica seu tempo somente a ele.

No tocante a isso, Bauman (2001, p.14) ainda complementa: “a rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos”. Ordem essa que no século XXI, por aparência, estaria quebrada e aí surgiria uma oportunidade de liberdade genuína. Só que, segundo Bauman, ocorreu de outra maneira:

Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas classes, as molduras que (tão intransigentemente como os estamentos já dissolvidos) encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar. (BAUMAN, 2001, p.14 e p.15)

Sendo assim, o que o ser humano fez foi se desligar das figuras que serviam de modelo no pretérito, para iniciar uma fase de “autocomparação” com relação a grupos antes desconhecidos. A grande responsável por trazer à tona histórias que antes eram ignoradas foi a tecnologia. Lipovetsky acredita em uma grande quebra no sistema capitalista depois do surgimento da tecnologia:

Sem dúvida, temos que partir do mundo do consumo. Com a profusão luxuriante dos seus produtos, imagens e serviços, com o hedonismo que induz, com o seu clima eufórico de tentação e proximidade, a sociedade de consumo revela até à evidência a amplitude da estratégia da sedução. Esta não se reduz, no entanto, ao espetáculo da acumulação; mais exatamente, identifica-se com a ultra-simplificação das opções que a abundância torna possíveis, com a latitude dos indivíduos mergulhados num universo transparente, aberto, oferecendo um número cada vez maior de escolhas e combinações por medida, permitindo uma circulação e uma seleção livres. E estamos apenas no começo, esta lógica alargar-se-á inelutavelmente à medida que as tecnologias e o mercado puserem à disposição do público uma diversificação cada vez mais vasta de bens e de serviços. (LIPOVETSKY, 1989, p. 7)

Sendo assim, a tecnologia abriu infinitas possibilidades a quem antes só seguia padrões impostos por um pequeno grupo de pessoas. Com o advento da Internet, em especial, todos os grupos antes distantes por questões geográficas e até mesmo por determinação dos mais poderosos, agora podem se comunicar e entender as semelhanças entre si. Em entrevista concedida ao portal Fronteiras do Pensamento, o sociólogo Mafessoli (2015) diz que “a grande mudança que vivemos hoje é a passagem do indivíduo para a comunidade”, isto é, a reunião de semelhantes em grupos virtuais. Lipovetsky pensava essa nova organização valorizada pela pós-modernidade ainda nos anos 1980:

É assim a sociedade pós-moderna caracterizada por uma tendência global no sentido de reduzir as relações autoritárias e dirigistas e simultaneamente de aumentar a gama das opções privadas, privilegiar a diversidade, oferecer fórmulas de programas independentes, nos desportos, nas tecnologias, no turismo, na descontração da moda, nas relações humanas e sexuais. (LIPOVETSKI, 1989, p.8)

A emancipação das pessoas com relação às ideias impostas no tempo transcorrido, serve de impulso para o desenvolvimento intelectual. Além dessa premissa, Bauman (2001) defende que todo o ser humano deve se emancipar em algum momento da vida. O autor acredita que essa libertação “significa literalmente

libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a sentir-se livre para se mover ou agir”(BAUMAN, 2001, p.37).

A liberdade é ainda uma hipótese para as pessoas, especialmente porque continuam a depender de outras para conseguir realizar suas fantasias. Outro questionamento também se dá internamente, quando o sentimento de liberdade não alcança a realidade. Segundo Bauman, o que falta é o equilíbrio:

Sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos, significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir: sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir. O equilíbrio pode, portanto, ser alcançado e mantido de duas maneiras diferentes: ou reduzindo os desejos e/ou a imaginação, ou ampliando nossa capacidade de ação. (BAUMAN, 2001, p.25)

Essa simplicidade de pensamento levará as pessoas a acreditarem que o que elas possuem, é o que necessitam. Dessa forma, o dinheiro que antes era encarado como o propulsor dos desejos humanos e causava dependência, poderá ser colocado em segundo plano. Este processo ainda levará longo tempo para ser concebível, mas existem muitas linhas de estudo neste sentido. Bauman, como exemplo, deixa o seguinte pensamento:

A suposição tácita que apoia uma tomada de posição tão radical é que a liberdade concebível e possível de alcançar já foi atingida; nada resta a fazer senão limpar os poucos cantos restantes e preencher os poucos lugares vazios – trabalho que será completado em pouco tempo. Os homens e as mulheres são inteira e verdadeiramente livres, e assim a agenda da libertação está praticamente esgotada. (BAUMAN, 2001, p.31)

Não que as pessoas devam diminuir seus sonhos para atingir a felicidade. Até mesmo porque o mundo ainda necessita de muita determinação para que mude. Mas o planeta chegou ao estágio em que o atual modelo de desenvolvimento é insustentável e o progresso, como se concebe hoje, vai estagnar.

Bauman (2001, p.40) diz que a modernidade volta as atenções para o “foco daquele discurso ao direito de os indivíduos permanecerem diferentes e de escolherem à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado”. Nesse quesito, a individualidade é otimista, pois cada um, em tese, se sente seguro de ser da maneira que anseia.

Por outro lado, outras crises são inerentes à “modernidade líquida”, em que o moderno é ser e agir como líquido; em que a possibilidade de mudar e de se transformar a todo o momento causa a impressão da incapacidade de viver mais do mesmo todos os dias. Em que a principal vontade é a da “não rotina”. Tudo isso compilado, pode ter aberto espaço para inúmeras decepções. Entre elas o sentimento de insuficiência.

4.1 NECESSIDADE DO VÍNCULO SOCIAL

Os moldes destruídos pela modernidade agora somente se reinventaram em uma nova sociedade, mas não estão essencialmente livres, porque, ainda assim, obriga as pessoas a acharem um lugar, um nicho no qual se estabilizar. Para Lyotard, a sociedade pós-moderna começa se reorganizar:

Digamos sumariamente que as funções de regulação e, portanto, de reprodução são e serão cada vez mais retiradas dos administradores e confiadas a autômatos. A grande questão vem a ser e será a de dispor das informações que estes deverão ter na memória a fim de que boas decisões sejam tomadas. (LYOTARD, 1986, p. 27)

Esses autômatos, antes irreconhecíveis na sociedade em razão das suas vontades utópicas, agora começam a aparecer em um contexto bastante desgastado. Ou seja, iniciam uma fase de readaptação e reinserção de suas expectativas para um novo posicionamento. De acordo com Lyotard (1986), a finalidade de vida, finalmente é deixada a cargo de si mesmo, da “diligência de cada cidadão”.

Entra-se em uma era que a individualidade é algo a ser respeitado e, mais que isso valorizado. De acordo com Mafessoli (2015), a pós-modernidade vem ao encontro do que é mais singelo e necessário para a humanidade: as emoções.

Trata-se, em efeito, de um paradoxo, pois ao longo de todo o século XIX e de boa parte do século XX a técnica se empregava, essencialmente, para racionalizar a vida social e eliminar tudo o que pudesse ser da ordem do emocional, do afetivo e das paixões. Hoje, ao contrário, essa mesma técnica promove o retorno dos afetos. (MAFESSOLI, 2015)

O que se entende por relação, na pós-modernidade é uma ideação muito mais complexa do que já existiu. Lyotard (1986) pontua que agora,

independentemente da classe social a que o indivíduo pertencer, ele estará incluído no “nós”. Este cidadão fará parte de um sistema de comunicação que garantirá a sua inserção. E que por mais que o sistema tente consertar a desordem instalada pela pós-modernidade, a comunicação vai assumir cada vez mais espaços:

Compreende-se atualmente que em perspectiva foram propostos acima os jogos de linguagem como método geral de enfoque. Não pretendemos que toda relação social seja desta ordem; isto permanecerá aqui uma questão pendente; mas que os jogos de linguagem sejam, por um lado, um mínimo de relação exigido para que haja sociedade(...) Ou mais simplesmente ainda: a questão do vínculo social, enquanto questão, é um jogo de linguagem, o da interrogação, que posiciona imediatamente aquele que a apresenta, aquele a quem ela se dirige e o referente que ela interroga: essa questão já é assim, o vínculo social. (LYOTARD, 1986, p.29)

Trata-se também de uma necessidade inerente ao ser humano: a de convivência. E, sem essa abertura comunicacional, o vínculo social fica restrito e aí, mais uma vez, volta a máxima do capitalismo: a exclusão social, que é a consequência primária do sistema vigente. Para Lipovetsky, o sistema não possui ainda fronteiras delimitadas:

O consumo é uma estrutura aberta e dinâmica: desprende o indivíduo dos seus laços de dependência social e acelera os movimentos de assimilação e de rejeição, produz indivíduos flutuantes e cinéticos, universaliza os modos de vida, ao mesmo tempo que permite um máximo de singularização dos homens. Modernismo do consumo regido pelo processo de personalização, paralelo neste ponto à vanguarda artística ou à psicanálise e opondo-se ao mesmo tempo ao modernismo prevalecente noutras esferas. Porque é assim o modernismo, um momento histórico complexo ordenando-se em torno de duas lógicas antinômicas, uma rígida, uniforme, coerciva, a outra flexível, opcional, sedutora. (LIPOVESTKY, 1989, p. 68 e p.69)

Essa dicotomia da pós-modernidade pode causar confusão entre as pessoas. Porque no passado, o mundo se dividia em dois polos, e as pessoas eram obrigadas a permanecer do lado em que fossem coagidas. Já no século XXI, na era pós-moderna, existe muito mais a ser descoberto. A todo instante as posições em uma sociedade estão em transição e isso força a reorganização constante. Segundo Lipovetsky, “pós-modernismo é o processo e o momento histórico em que se opera esta viragem de tendência em proveito do processo de personalização, o qual não pára de anexar novas esferas”.

O engessamento das opiniões também acaba por sucumbir. Uma ideia formada sobre um mundo tão vasto de caminhos a serem percorridos não é mais

uma obrigatoriedade. Hoje pode-se saber muito mais, graças à comunicação facilitada pela tecnologia. Lipovetsky ainda ressalta:

A fragmentação extrema da divisão social corresponde de certo modo à nova tendência tecnológica para o ligeiro: à hiperpersonalização dos indivíduos e dos grupos corresponde a corrida à miniaturização, acessível a um público cada vez mais amplo. (LIPOVETSKY, 1989, p.105)

O autor se refere à “miniaturização” com o intuito de alertar sobre o fato de que agora toda a informação pode estar resumida a aparelhos que se carrega no bolso. Com isso, também surge a possibilidade de que o conteúdo das informações seja visto de tal maneira: diminuído em razão do fácil acesso.

A necessidade por terminar com as distâncias e quebrar as barreiras era latente para as populações. Os indivíduos na história dos séculos passados, escondiam e reprimiam esse anseio por novos horizontes. Eles eram encorajados a se contentar com a informação que tinham ao seu alcance, ou seja, aquela que sofria edição. Hoje, a curiosidade e o enfrentamento dos modelos propostos por grandes agências de notícias, leva o público a outro nível de comunicação. A comunicação livre, por mais que isso devesse ser um pleonasmo.

O paradoxo da comunicação facilitada pela tecnologia é outro fator para se refletir. Na atualidade, é muito comum que se converse com pessoas que estão do outro lado do mundo. Dessa maneira, a tecnologia serve de ponte, conecta lugares, histórias e sentimentos. É o ponto no qual o ser humano se oportuniza a conhecer novas culturas e encurtar assim as distâncias.

Retomando a nomenclatura criada por Bauman (2001) a “modernidade líquida” leva a comunicação a um patamar também fluido. Ou seja, um formato no qual a toda hora uma conversa pode ser iniciada e interrompida, enfraquecendo assim os laços que uma relação interpessoal seria capaz de promover. Essa comunicação líquida revela a facilidade com que as pessoas se distraem e pulam de um assunto para outro. A interrupção frenética pode ser uma das razões para a solidão cidadina. Segundo foi citado em entrevista, Mafessoli (2015) tem uma visão positivista sobre o assunto:

Assim como o desencantamento do mundo conduziu à solidão, o Facebook, o Second Life etc., para o melhor e para o pior, recuperaram o "ideal comunitário". Há nesse desenvolvimento tecnológico outra maneira de viver o laço social ou, como acho mais adequado dizer, o "laço societal". Isto é,

chegamos a uma sociedade que enfatiza a relação com o outro. E isso nos obriga a mudar nossa maneira de analisar a sociedade. Não é mais o caso de ser otimista ou de ser pessimista, mas de observar o mundo tal qual ele é. (MAFESSOLI, 2015)

Nota-se por outra via, que as pessoas percebem que são solitárias mesmo acompanhadas de milhares de pessoas na maior parte do tempo. Em especial na vida em cidade, os habitantes frequentemente se sentem assim, em meio a multidões e ainda assim sozinhos. E, por mais que exista a necessidade de se comunicar e para criar o vínculo social, grande parte da população ainda busca na literatura uma maneira de se encaixar. Entra em pauta mais uma vez a crônica que, inserida nos jornais e propagada nas redes sociais, assume a postura de válvula de escape.

4.2 A SOLIDÃO PÓS-MODERNA E SEUS SINTOMAS

A solidão é dilema e necessidade do ser humano. Na atualidade, parece que estar sozinho significa sofrer de depressão ou algum distúrbio mental. O que a sociedade esquece é que estar sozinho pode ser uma opção. De acordo com o Morris, a solidão também pode ser encarada pelo “ser humano sadio comum” como um castigo:

Todos nós nos sentimos cercados de gente demais de vez em quando, e superexpostos aos olhos e à mente vigilante dos outros. A ideia monacal de nos trancarmos longe de tudo isso torna-se atraente. Porém, para alguns de nós, alguns de nós algumas horas serão suficientes, e a ideia de uma solidão monástica para toda a vida é consternadora. Porque o homem é um animal social, e o ser humano sadio comum encara o isolamento prolongado como um castigo severo. (MORRIS, 1974, p.74)

Tanto essa ideia de punição por meio da solidão é acreditada, que assim é que funcionam as prisões: nada mais do que o isolamento social. No estudo desenvolvido por Morris (1974) ele exemplifica esta via da solidão pela imagem de um prisioneiro que conversa com o eco da pia do lavatório, na esperança de receber uma resposta.

É isso o que o ser humano faz, ele procura pares para responder às suas perguntas. Para Morris (1974), é a intimidade que traz a compreensão e a maioria das pessoas precisa ser entendida, pelo menos por um pequeno grupo. Ele ainda pontua que o ser humano não precisa ser compreendido intelectualmente e

racionalmente, mas sim emocionalmente. Para o autor, a defasagem das relações humanas, portanto a solidão, pode se justificar pela vida em cidade:

Parte da resposta está ligada às grandes aglomerações que vemos nas nossas modernas comunidades urbanas. Encontramos tanta gente nas ruas e nos prédios todos os dias que simplesmente não podemos aventurar-nos a ter intimidades com eles; do contrário toda a organização social se interromperia. Ironicamente, essas aglomerações exercem dois efeitos completamente incompatíveis sobre nós. De um lado nos causam tensão e nos fazem sentir inseguros, e de outro nos fazem reduzir as mesmas trocas de intimidades que poderiam aliviar essa tensão. (MORRIS, 1974, p. 84)

Nessa configuração da sociedade atual que impõe que a intimidade tenha conotação sexual, os integrantes confundem essa premissa. Pensam que, por alguém os entender emocionalmente, estarão ligados sexualmente a essa pessoa, ou terão que relacionar-se de tal forma. Então partem para o propósito de que o amor entre um casal, só existe se compensado por uma intimidade corporal. Essa concepção gera o conflito em um curto espaço de tempo, bem como registra Morris:

Nascemos no seio de um estreito relacionamento de contatos corporais íntimos com nossas mães. À medida que crescemos, descobrimos o mundo e o exploramos, retornando de vez em quando à proteção e à segurança do abraço materno. Finalmente nos libertamos e ficamos sozinhos no mundo. Logo começamos a procurar novo vínculo e retornamos mais uma vez à condição de intimidade com uma pessoa amada que se torna uma companheira. Mais uma vez encontramos uma base segura para continuarmos nossas explorações. Se, em qualquer estágio dessa sequência somos mal servidos por nossos relacionamentos íntimos, achamos difícil enfrentar as pressões da vida. (MORRIS, 1974, p. 193)

Observando esse exemplo, percebe-se que é natural ao ser humano que se distancie da relação que não responde à sua necessidade íntima. Especificamente quando não existe a compreensão emocional, que é primitiva. Portanto, entre tantos outros detalhes que implicam uma separação, este pode ser o motivo central.

Segundo uma reportagem veiculada no site da Zero Hora em 14 de julho de 2011, o número de divórcios teve um aumento significativo depois de 2010, quando houve a criação da lei que permite lavrar o divórcio em 24 horas. Antes disso, os casais precisavam aguardar um ano entre a separação para posteriormente confirmar o fim do casamento. De acordo com a última pesquisa apresentada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2013, no estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente 18 mil divórcios foram registrados. O que

revela que uma instituição reconhecida pela sociedade como uma união consentida entre duas partes, também está em decadência.

Os motivos pelos quais uma intimidade registrada em cartório chega ao fim, podem ser diversos. O que se nota frequentemente são os seguintes fatores: independência feminina (financeira e pessoal), as mudanças no quadro familiar (homossexualidade e pais solteiros) e também o descrédito nas relações humanas. Todos esses pontos estão em destaque na sociedade, além do que, também se justifica a escolha das crônicas selecionadas para análise posterior.

São essas algumas das possíveis explicações para a falência do casamento. Porém, é necessário que se observe o quanto essas novas configurações têm causado um impacto positivo na sociedade. Como exemplo: a possibilidade de adoções realizadas por parte de casais homoafetivos, a quebra do silêncio de mulheres que sofriam violência doméstica, a oportunidade de findar um relacionamento se este não satisfaz mais as expectativas de uma das partes, etc...

A rapidez com que as relações acontecem na atualidade não abrange somente os casais, mas também os vínculos de amizade, entre vizinhos, entre colegas de trabalho e até no seio familiar. Todos os setores de relacionamento na pós-modernidade estão condicionados a serem breves, mas, por outra via, agora eles podem ser mais íntimos. É o que Morris também defende em seu estudo:

Jovens adultos que estabelecem novas unidades familiares e desfrutam intimidades desinibidas dentro delas estarão em ótimas condições para enfrentar o áspero e impessoal mundo exterior. Por estarem 'vinculados', e não 'famintos de vínculos', poderão encarar cada tipo de encontro social como este se apresenta, e não fazer exigências descabidas e famintas de vínculos em situações que, inevitavelmente, exigirão moderação emocional. (MORRIS, 1974, p. 198)

A corrida pelo que é íntimo termina por levar o ser humano à solidão. E isso está longe de ser uma coisa ruim. O ser humano é uma espécie social, a partir disso, ele passa toda a sua vivência em um jogo de encaixe. Ele tenta conciliar a experiência em sociedade consigo mesmo e justamente esse jogo é que o leva à tensão total, potencializada pela vida urbana. O que os cidadãos precisam é de períodos solitários indeterminados para, antes de tomarem suas decisões para a coletividade, consigam organizar o seu interior.

4.3 LITERATURA COMO CATARSE

Por mais que exista a necessidade de se comunicar e para criar o vínculo social, grande parte da população ainda busca na literatura uma maneira de se encaixar. Entra em pauta mais uma vez a crônica que, inserida nos jornais e propagada nas redes sociais, assume a função de catarse.

Essa função está presente nas crônicas porque, como já abordado anteriormente, dentro de um jornal que apresenta conteúdos “pesados”, um texto fluido pode ser a chave para a fidelização do público. Para Aristóteles, a catarse está baseada na purificação, isto é, a libertação da tragédia real por meio da ficção. Para Campbell, a catarse também caminha nesses trilhos:

Catarse é um termo ritual e representa a eliminação da perspectiva do ego: destruir o sistema do ego, destruir a estrutura racional. Esmagá-lo e deixar que a vida *-boom!* surja. O ímpeto dionisíaco esmaga tudo. E assim você se sente purgado do seu sistema egocêntrico de julgamento, pelo qual está vivendo o tempo todo. (CAMPBELL, 2003,p. 97)

E é exatamente esse o papel do gênero jornalístico literário inserido em contextos tão rígidos quanto os quais o jornalismo abrange. É uma outra forma de ver a vida cotidiana, saindo da visão egoísta que se tem. Deixa-se a percepção da própria vida de lado, para tomar frente em uma outra perspectiva, a do autor da crônica.

Além disso, a crônica possui o encargo de liberação dos sentimentos contidos pela vida em cidade. Os textos curtos e de fácil assimilação promovem uma distração rápida e um salto para outro plano que pode, ou não estar baseado na realidade. Sem esquecer que essa espécie de transe é proporcionada por outra pessoa, por isso, novamente, o gênero causa reconhecimento entre leitor e escritor.

A literatura tem o dom de despertar o sentimento adormecido ou o sufocado pela vida urbana. Já o escritor, tem a ferramenta necessária para redizer a realidade com maestria. D’onofrio aponta que a literatura tem um cargo de maior responsabilidade ainda para as pessoas:

Consideramos a literatura como uma forma específica de conhecimento da vida proporcionado pelo arranjo estético do material lingüístico utilizado. Essa definição abrange a característica essencial da obra literária (arte da palavra) e sua função fundamental (visão peculiar do mundo). Como o significante lingüístico é utilizado de um modo diferente, os significados ideológicos são interpretados sob uma feição toda particular. A verdade da arte não é a verdade da vida, pois o poeta tem uma percepção *sui generis*

da existência: colocando-se acima das convenções sociais, ele procura a verdade original das coisas, o conhecimento do ser-em-si, oculto pela reificação do mundo. (D'ONOFRIO, 1995, p. 23)

Assim segue a mesma ideia proposta por Campbell (2003) para definir o que é catarse. Na mesma linha de raciocínio, o escritor portanto, para D'Onofrio (1995), o poeta, tem a visão de mundo muito mais apurada. Ele consegue se despir das visões egocêntricas que o ser humano é condicionado a ter em função do meio em que vive. Une-se a isso a ferramenta linguística que o poeta dispõe, a capacidade de organizar os pensamentos e traduzi-los em palavras que causem surpresa.

Para D'Onofrio (1995, p.25), “uma crônica atinge o nível de arte literária somente quando consegue superar os limites da transitoriedade própria da notícia, colhendo o universal dentro do particular”. Sendo assim, a crônica assume um espaço além de libertador, baseado atualmente na solidão urbana; também sob um panorama artístico dentro das editorias jornalísticas.

5 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa deixou de ser rigorosamente baseada na existência ou não de determinadas características de um estudo. Hoje ela é feita a partir da crítica, porque a nova maneira de realizar esse tipo de pesquisa admite o uso de inferências, quando se conclui algo a partir de indícios, uma afirmação construída através de premissas.

A investigação a ser realizada vai se dar pelo método de análise de conteúdo (AC). De acordo com Bardin (2000), significa “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. O que vai de acordo com o objetivo desta monografia, que busca analisar os significados da mensagem, bem como, o objeto da linguagem inserida nos textos, assim como propõe Laurence Bardin (2000).

A análise de conteúdo vai se basear na busca por novas informações a respeito da crônica publicada em impressos na atualidade, guiada pelo tema da solidão urbana. Para tal, vai realizar uma descrição analítica, que é quando se inicia o “tratamento da informação contida nas mensagens (BARDIN, p.34, 2000)”. A partir da leitura de crônicas, foi feita uma seleção de 10 recortes e, em seguida, a organização por temas.

As crônicas selecionadas para a pesquisa revelam a solidão nas cidades. A escolha dos autores a serem analisados – Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar – levou em conta não somente o estilo, mas a aproximação com o tema atual. Quanto a solidão moderna, Zygmunt Bauman (2001) pontua que “tudo, por assim dizer, corre por conta do indivíduo”.

A solidão urbana está dividida em cinco grandes eixos para realizar uma análise qualitativa: efemeridade dos relacionamentos, independência, tecnologia, amor e individualidade. O método escolhido foi o de análise de conteúdo em função de que “absolve e cauciona o investigador por essa atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito” (BARDIN, 2000, p.9).

Outra questão a ser considerada será o ensejo para a observação de todos estes temas e assim a interpretação. A pesquisa qualitativa também atinge um nível considerável de importância a partir do momento que se reconhece o seu valor como exposição de conhecimento, como uma visão a partir de um nível cultural que, em muitas ocasiões, é desperdiçado por se tratar a entrevista como a primeira

opção para um estudo comunicacional. A respeito da relevância deste tipo de pesquisa, Bauer (2003) conclui:

Deste modo, os textos, do mesmo modo que as falas, referem-se aos pensamentos, sentimentos, memórias, planos e discussões pelas pessoas, e algumas vezes nos dizem mais do que seus autores imaginam. Os pesquisadores sociais têm a tendência de subestimar materiais textuais como dados. Os métodos de pesquisa passam por ciclos de moda e de esquecimento, mas a World Wide Web (www) e os arquivos on-line para jornais, programas de rádio e televisão, criaram uma grande oportunidade para os dados em forma de textos. À medida que o esforço de coletar informações está tendendo a zero, estamos assistindo a um renovado interesse na análise de conteúdo (AC) e em suas técnicas, em particular em técnicas com o auxílio de computador. (BAUER,2003, p.189 e p. 190)

Sobre a ótica de Bauer, é possível afirmar que a AC (análise de conteúdo) não recebe o valor devido. O que se deve observar é que, quanto mais os processos de pesquisa tornam-se tecnológicos e dependem de aparelhos para serem realizados, mais se perde em questão cultural.

De acordo com Bauer (2003, p. 192) “quando o foco está no público, o texto é um meio de apelo: uma influência nos preconceitos, opiniões, atitudes e estereótipos das pessoas”. E é justamente o que a presente monografia se propõe: a analisar a comunicação dirigida ao público.

A presente pesquisa também apoiou-se em referências já reconhecidas para que a análise de conteúdo ganhasse um peso maior. Entre tantos textos de autores importantes em suas áreas, foi possível que houvesse um abastecimento de ideias antes que se iniciasse o processo de dedução e apresentação de evidências que surgiram ao longo da pesquisa.

Para tal, vai passar pelas três fases desse tipo de análise: a descrição, a inferência e, por fim, a interpretação, citadas em Bardin (2000).

6 A ANÁLISE

Como foi já exposto anteriormente, esta análise será composta por 10 crônicas escritas por Fabrício Carpinejar e Martha Medeiros. Todas elas estão publicadas em livros dos dois autores ao longo de sua carreira, bem como a maior parte delas já foi estampada no Jornal Zero Hora.

A escolha se deve ao tema central, a solidão urbana, que foi desmembrada em cinco eixos de discussão: efemeridade dos relacionamentos, individualismo, independência, amor e tecnologia. Depois disso, foram organizadas em pares referentes aos assuntos escolhidos. Desta forma, a disposição da análise é facilitada e também proporciona a comparação entre os eixos abordados e as linhas de pensamento dos autores e sua maneira de explorar assuntos tão complexos – a respeito do universo íntimo – e as dificuldades que cada pessoa ultrapassa em suas vivências.

Também ateu-se ao fato de essas crônicas estarem intimamente ligadas ao assunto pós-modernidade. Todos os textos foram escritos depois do ano 2000, o que condiz o propósito de tratar da atualidade e entender o papel da crônica hoje. O contexto urbano está presente em todas as crônicas selecionadas. Por tratarem de um universo íntimo, uma perspectiva individual, sua localização espacial não se distingue: a ambientação remete às grandes cidades de uma forma geral; os temas ‘relacionados’ como causas e consequências.

A opção por crônicas da atualidade foi especificada por meio de cinco grandes eixos, relacionados à solidão nas cidades. Apresenta-se trechos dos textos no corpo do trabalho para que se faça as inferências, sugeridas como meio de análise por Bardin (2000). Em anexo, inclui-se a obra na íntegra e o ano de publicação de cada texto.

Outro ponto a ser considerado é o assunto que cada uma das crônicas traz, retomando as ideias de autores já estudados em outros capítulos. Esta análise pretende não somente traçar um panorama a respeito dos recortes, mas desvendar o subtexto, aquelas palavras que o autor mesmo não escrevendo, sugere.

6.1 Efemeridade dos relacionamentos: “Separações Líquidas” e “A separação como um ato de amor” (ANEXO A e ANEXO B)

O título do texto “Separações Líquidas” de Fabrício Carpinejar já sugere o assunto da crônica. O autor utilizou-se da ideia proposta por Bauman (2001) para o enfoque ao recorte que trata das separações entre casais na atualidade.

Carpinejar em um primeiro momento cita como os relacionamentos ou o final deles acontecia no passado. Ele exemplifica os casamentos dos anos 1970 e 1980 que tinham uma durabilidade maior, porém, já nas primeiras afirmações nota-se a generalização e nostalgia por parte do autor, como por exemplo: “nos anos 70, o casamento era medido por décadas. Mesmo quando um casamento fracassava, durava no mínimo duas décadas”.

Esta passagem demonstra como ainda está arraigada a ideia de que, para o autor, um relacionamento necessita ter grande durabilidade para que tenha qualidade. Porém, na atualidade, sabe-se que, por mais breve que um casamento seja, ainda assim é mais saudável para ambas as partes que seja finito no momento em que as duas pessoas já não estão na mesma sintonia, fato que o autor ignora.

Depois, ele vai delineando o casamento na atualidade e trata o final de um casamento como algo fácil. Se apegando à modernidade líquida como se todas as relações estivessem fadadas a terminar de tal maneira, na futilidade, na facilidade. Como exemplo a seguinte passagem: “Las Vegas do divórcio é aqui”. Carpinejar se utiliza dessa metáfora para retratar sua visão sobre o divórcio na atualidade, sendo que, pelo que se vê na mídia, Las Vegas é como uma cidade do pecado e do prazer. Mas o final do casamento é algo mais delicado do que simplesmente dizer adeus ao parceiro, parceira ou parceiros. A metáfora é hiperbólica, ou seja, chama a atenção pelo exagero, estratégia que será recorrente no texto desse autor.

Bauman (2001) diz que ser moderno é ser líquido e agir com fluidez em situações que no passado já foram supervalorizadas e, por este ponto de vista, o autor justifica com perfeição o ato de libertar-se na modernidade. A modernidade trouxe um paradoxo, ao mesmo tempo que pode não dar devida importância ao sentimento alheio e descartá-lo facilmente, hoje é possível que o indivíduo se emancipe de algo que não lhe satisfaz.

Para Carpinejar, que é um totalizador, um autor que defende o amor em qualquer aspecto e contexto, amor já como um equivalente de produto romântico, de fácil vendagem, valeria a pena tentar mais uma vez. Insistir um pouco mais em um casamento que pode estar fracassado desde o seu início. O autor não considera que

cada relacionamento é muito íntimo e particular para que se possa criar uma regra. Sem esquecer que, dentro dessas relações estão envolvidas muitas outras pessoas além das que vivem neste universo compartilhado. Tais generalizações ajudam a entender o sucesso deste tipo de texto: além da catarse, se percebe que o clichê, o senso comum, é um ponto de identificação fácil com a massa de leitores, assim como Adorno (2009) comenta em seu estudo, que na atualidade tudo tem um ar de semelhança.

Na crônica de Martha Medeiros “A separação como um ato de amor” o assunto já denuncia o contrário e condiz melhor com a pós-modernidade apresentada pelos autores citados nesta pesquisa. Ela defende a ideia de que o ser humano é pleno de capacidade de decidir o que lhe faz feliz.

Porém, Martha traz a seguinte passagem: “duas pessoas que se amaram muito e que acreditaram um dia na eternidade deste sentimento”. Esta fala expressa um estereótipo de relacionamentos do passado, assim como Carpinejar comentou em seu texto. Pois não são todas as formas de relacionamento que apostam na eternidade para criar um vínculo.

Martha abre um novo âmbito ao grande público, ela cita Inês Pedrosa, escritora portuguesa de grande reconhecimento, para dar peso ao que defende nesta crônica, que é o final de uma relação como uma opção por não mais sofrer, por não mais suportar pequenos incômodos que se somam com o passar do tempo.

Martha se utiliza de trechos de Inês Pedrosa que vão ao encontro do tema central do texto e assim explica melhor seu ponto de vista. Este artifício de se basear em grandes nomes da literatura também tem o intuito de instigar no leitor a curiosidade de saber quem é que diz esse assunto de outra forma; quem é esta voz que é conhecida de Martha; e por que ela a usa como referência. É criar um acesso que parecia distante a uma grande parcela de quem lê o Jornal Zero Hora.

Neste ponto, Martha tem um momento realista a respeito da separação, ela relata que “a separação de duas pessoas precisa acontecer antes do esfacelamento do amor”. Esta premissa é muito defendida pelos autores citados nesta pesquisa, que apontam que o ser humano busca por uma liberdade ao que lhe corta o momento particular, a sua opinião em relação à vida.

Logo em seguida, Martha comenta sobre a culpa que uma das partes do casal carrega por ter dado fim ao relacionamento. No tocante a isso, é plausível que a autora exponha ao leitor que o sentimento de impotência e covardia não é uma

regra para a decisão. Que esta separação pode ser encarada de tantas outras maneiras que não o desamparo.

A autora se atém demais à sensação de que nada em uma história de casal valeu a pena e que o único pensamento que fica é o de perda de tempo. Porém, é fundamental que se observe as novas configurações de relacionamentos da atualidade, como esta pesquisa sugere. Não existe mais somente uma relação a dois, hoje se pode ter um relacionamento aberto, bem como um namoro a três ou mais indivíduos e que, nem por isso, o vínculo estará defasado. Pois como o *corpus* desta pesquisa demonstra, o vínculo íntimo está unido às emoções e assim, à compreensão emocional das partes que interagem.

Por fim, a autora ainda cai em contradição, quando retoma a obra de Inês Pedrosa e assume a posição pós-moderna que este trabalho defende e conclui: “um alento para aqueles — poucos — que respeitam muito mais os sentimentos do que as convenções”.

Observa-se que as considerações giram em torno de um modelo ainda tradicional de família, embora haja uma permissão maior à liberdade individual do que no texto de Carpinejar analisado.

A solidão, para Martha Medeiros na crônica, pode ser interpretada como uma escolha. Como revela o próprio título “A separação como um ato de amor”, a autora sugere um afastamento espontâneo, uma solidão escolhida, por amor a si e também ao que afronta sua intimidade.

6.2 Individualismo: “Pequenos céus somados” e “Nós” (ANEXO C e ANEXO D)

A crônica “Pequenos céus somados” de Fabrício Carpinejar trata de liberdade controlada. Para o autor a liberdade está como um esforço que cada pessoa faz, ele comenta que “o pássaro que voará mais alto é o pássaro que nunca desistiu de puxar a coleira”. Carpinejar usa a metáfora do pássaro para representar a ideia de que cada pessoa, em seus dilemas pessoais, ilustrados pela metáfora da gaiola, deve esforçar-se para alcançar seus objetivos.

Esta visão serve como um incentivo ao grande público para que não se acomode em suas “gaiolas”, que possa agir com liberdade, por mais que seu cotidiano não seja livre. Carpinejar dá uma luz ao fim do túnel para o leitor que pensa em desistir de seus sonhos e então reforça a ideia de libertação: “não pode se

soltar, mas nem por isso se sentirá preso. Não é livre, mas nem por isso deixará de admirar a possibilidade de flunar”.

Com o termo “flunar”, o autor remete a algo que já foi citado nesta pesquisa, em que Berman (1986) pontua a falta de capacidade que o ser humano tem para aproveitar o momento presente. O termo flunar deriva da obra de Baudelaire, considerado uma referência dos primórdios do modernismo, quando registrava a efervescência urbana em Paris. O sentido literal da palavra, sugere um voo livre ao ser humano, despretensioso, desprendido das pressões que as cidades impõem. O autor dá a entender que, mesmo as pessoas estando presas em seus mundos particulares e suas angústias, ainda assim podem ter a sensação de liberdade.

Como já foi citado, a liberdade genuína pode ser inalcançável na sociedade atual. Carpinejar tem sucesso ao reconhecer este fato em seu texto, ele cita a valorização do que se tem, ao contrário de ignorar isso ou entrar em conflito consigo mesmo em função da vida em cidade.

Carpinejar descreve todas as possibilidades que um pássaro tem dentro de sua gaiola, a partir disso, o público passa a ter a sensação de liberdade. A crônica então assume o caráter de passagem entre um mundo e outro; entre a verdade de um animal e de um ser humano; de duas realidades tão distintas; mas ao mesmo tempo tão semelhantes.

A catarse neste texto aparece de forma muito singela no seguinte trecho: “puxará a corrente ao limite. Somará pequenos céus com os centímetros de sua corrente. Tudo o que voará depois será resultado de tudo o que andou em seus limites”. O público então se identifica e olha para seu passado, reflete sobre todo o esforço empregado em diversas situações, somado aos pequenos esforços feitos diariamente e assim pode concluir algo.

Essas passagens demandam reflexão, porque a metáfora exige esse exercício do leitor. Transportar-se a outro universo por alguns instantes e fazer comparações. Pois, algumas vezes, o ser humano se estranha dentro de uma grande cidade, se questiona para qual finalidade vive, a crônica está a serviço de elevar esse questionamento. Ou de trazê-lo à tona.

O autor ainda fala sobre a solidão e ressalta que ela deve ser vivida. Mais que isso, ele pontua que a solidão deve ser aproveitada para se conhecer. A solidão urbana está como uma sensação e não uma realidade nesta pesquisa, porém, nesta crônica é possível que se pense a respeito com mais cuidado. Que se utilize o

tempo silencioso, solitário, para se ouvir, para questionar-se e também “responder-se”.

Ao final, Fabrício Carpinejar conclui que a liberdade é algo a ser construído e conquistado. Ele comenta que, para ser livre basta “não ser do tamanho de nossa prisão, mas ser do tamanho de nossa vontade”.

No texto “Nós” Martha Medeiros relata como é a sensação de viajar só. Ela diz que gosta de viajar acompanhada, mas que ter uma “lua de mel consigo mesmo” é uma experiência única.

Depois de expor sua opinião sobre o assunto, ela relembra a fala de uma psicanalista que diz que as pessoas não viajam sozinhas por medo, mas por vergonha do que os outros vão achar. A autora fala sobre a pressão que a sociedade faz para que todos andem sempre acompanhados e como é se sentir julgado por não estar com alguém.

Martha conta como foi passar dez dias viajando consigo mesma e o quanto isso a fez se conhecer melhor. Até mesmo na questão de horários, que nas grandes cidades é algo cobrado com severidade, mas dois fatores a fazem ver isso de modo diferente, o primeiro é estar de férias, livre de compromissos de trabalho, e o segundo é estar sozinha, livre de compromissos com qualquer outra vontade, a não ser a própria.

Este texto exclui muitos públicos. Como relatado na crônica, a autora fala sobre uma experiência de viagem à Europa, em que mergulha na sua própria companhia e vive um momento ao qual a grande maioria não terá acesso por questões econômicas. Esta crônica foi publicada no Jornal Zero Hora, com site na Internet, portanto, de alcance massivo e mesmo assim a cronista utilizou-se de exemplos pouco palpáveis para a maior parte da população.

A autora remete ao termo “flanar”, só que, com os exemplos um tanto quanto exagerados no sentido de localidade, proximidade com o leitor citados no texto como: “numa praça em Roma, um casal de brasileiros se aproximou. Começamos a conversar. Lá pelas tantas, perguntei de onde eles eram.” Tendo esta imagem mental formada, o leitor tende a se sentir diminuído, como se não fosse possível “flanar” em Porto Alegre, Passo Fundo ou Caxias do Sul. Ou seja, percebe-se certa afetação na forma como a autora se refere ao Exterior.

A ideia de “flanar” corresponde ao que já foi citado durante esta pesquisa, o termo deveria ser aplicado em qualquer localidade. Em lugar indeterminado, é

possível que se perca a noção do tempo, se tome um café, se leia, se faça tudo isso sem um objetivo claro aos demais, porém claro a si mesmo.

Na conclusão, Martha cita: “mas estando em mim, sob qualquer circunstância, jamais estarei só”. Pois o objetivo desta crônica é convencer o leitor de que ele não está só, mesmo estando somente consigo; muitas vezes, a própria presença basta, sendo assim, pela finalização do texto, o leitor inicia um processo de catarse. Seguindo a linha desta pesquisa, seria necessário que se alterasse cada um dos exemplos.

No âmbito da individualidade, ambos os textos mostram uma maneira particular de ver o mundo. Um deles apresenta a metáfora do pássaro engaiolado, uma condição da modernidade, em que as pessoas buscam por uma liberdade inexistente, ou que não aceitam a que possuem. Porém existe o outro lado da liberdade, proporcionado pelo capital, que também foi abordado anteriormente.

Na outra ponta, está o texto de Martha, que demonstrou uma individualidade egoica. Isso porque a autora usa exemplos que demandam da liberdade que o capital impõe e depois, ela tenta abrandar o que foi já construído na mente do leitor, com conselhos que parecem pouco plausíveis.

6.3 Independência - “Doidas e Santas” e “Não é amor” (ANEXO E e ANEXO F)

Na crônica “Doidas e Santas” Martha Medeiros traz outro nome importante da literatura para introduzir seu texto. Ela cita Adélia Prado, uma poetisa brasileira: “Estou no começo do meu desespero e só e só vejo dois caminhos: ou viro doida ou viro santa”. Com esta passagem, Martha dá o rumo do texto que trata sobre a mulher de meia-idade.

No centro de discussão está a poesia “A serenata”, da autora Adélia Prado, que conta a história de uma mulher que está à espera de um homem, que pode chegar a qualquer momento e arrebatá-la de sua vida monótona.

Martha escolhe esta poesia para dizer que existe um momento na vida de uma mulher em que ela precisa decidir o que realmente quer. Ela conclui que Adélia Prado é muito audaciosa ao definir a existência de apenas duas escolhas.

Martha expõe sua opinião quando diz: “pra começo de conversa, não acredito que haja uma única mulher no mundo que seja santa”. Em seguida, mesmo ela sendo a favor do “endoidecer feminino”, dá um salto para dentro da mente

masculina, que tradicionalmente, defende a imagem da mãe como uma pessoa pura e sem pecados. A autora é pontual ao desfazer a imagem imaculada que uma parte dos homens tem das próprias mães: “existe mulher cansada, que é outra coisa”.

Para Martha, esta mulher cansada é aquela que se decepcionou nos relacionamentos, esteve sem dinheiro para realizar seus planos, caiu na monotonia de seu cotidiano. Segundo a autora, é uma mulher que vive na mediocridade. Mais uma vez, a cronista cai em uma visão generalizadora, vide os estudos apresentados por Adorno (2009) e também a análise da crônica de Fabrício Carpinejar que será apresentada posteriormente.

Martha compara a mulher santificada com a imagem de Nossa Senhora, e comenta que acha estranho o modo como ela engravidou. Logo, ela pede para que os leitores não se escandalizem com essa referência, que ela só está brincando. Porém, a própria escritora escandaliza na conclusão quando diz que “toda mulher é doida”, caindo novamente na visão totalitária.

Em seguida, ela opina que toda a mulher nasce com o intuito de encontrar um homem que a entenda emocionalmente e que não a deixe na mão, que seja másculo. Martha se mostra machista neste trecho pois reduz a mulher à vontade de encontrar um homem que satisfaça suas expectativas. Mas este pensamento não condiz com o estudo apresentado por esta investigação, pois este defende que a confiança, especialmente em outro ser humano, está relacionada a resultados concretos. Assim, também a um compromisso com tais possibilidades, o que vai muito além da compreensão cognitiva, assim como aponta Giddens (1991).

Martha então justifica sua classificação e lista algumas qualidades que, segundo ela, fazem parte de toda a mulher que se conhece. Além disso, a autora também tem a pretensão de trazer a mulher para uma rebeldia mundana, ela convida as leitoras e leitores para uma conversa franca sobre a alma feminina, sempre inquieta, sempre julgada por isso. E então conclui que a mulher louca é aquela entediada com a vida e que para ser santa, para resistir a todos os prazeres dessa inquietude, somente sendo completamente louca.

A independência feminina é superficialmente abordada por Martha Medeiros. Já a crônica “Não é amor” de Fabrício Carpinejar traça outra linha sobre este assunto. O autor fala sobre a independência feminina que é interrompida pela violência doméstica.

O autor tenta se aproximar de um tema muito delicado na atualidade. A violência contra a mulher é algo presente e constante na sociedade em que se vive. Ele tenta se identificar de alguma maneira com esta brutalidade, que por tanto tempo foi amenizada pelos meios de comunicação e que ainda é pouco exposta.

Fabrizio tenta descrever a humilhação que a mulher sente ao apanhar do companheiro. Ele até diz que compreende a vergonha que essas pessoas sentem ao tratar um ferimento e ao mesmo tempo que esperam pela recuperação do amor que é inexistente.

Ele observa que a luta dessas mulheres é solitária, pois a cada situação de violência, a mulher se resigna em seu silêncio e sofre. Esta categoria de solidão para o autor, se encaixa no desamparo, que está muito longe de fazer algum bem para alguém, pois espreme a coragem e induz a intolerância com os mais íntimos.

Fabrizio fala sobre a morte social que essas mulheres enfrentam e que elas se retiram de situações porque sempre precisam se justificar. Ele também constrói algumas imagens sobre a vida dessa mulher, como ela engana cada uma das pessoas com as quais convive, inclusive os próprios filhos. Neste recorte, seria importante lembrar dos filhos que assistem a cenas de violência e se sentem impotentes quanto a isso, ou seja, a violência contra a mulher atinge muito mais núcleos do que a própria vítima.

O cronista diz que entende a vida dessas pessoas e as escolhas que elas fazem. Ele comenta que se sente triste em entender o apagamento de personalidade pelo qual as mulheres agredidas passam.

Nesta crônica, Carpinejar trata de um tema delicado e que tem vertentes profundas, bem mais do que a ausência do amor, como ele mesmo conclui. A independência neste caso é fruto de muitos desligamentos de padrões impostos pela sociedade do passado.

Como exemplo, a situação em que o homem é o provedor do sustento de uma família e a mulher permanece em casa cuidando da prole. Sobre este conceito de papel feminino como um ser de só uma função, o autor reforça o estereótipo da mulher como responsável apenas pelo lar e pelos filhos.

Fabrizio considera o amor como o centro da aceitação da violência doméstica. Porém, é necessário que se observe todas as questões envolvidas nesse contexto. A violência doméstica está arraigada em inúmeras camadas da vida de uma mulher e de um homem. A criação do caráter, por mais liberal e independente

que pareça ser, ainda se encontra invariavelmente machista. Este tema ainda demanda de muito critério para poder ser tratado por um homem com tal superficialidade.

6.4 Amor - “Se eu fosse eu” e “Sou o melhor no que faço, mas o que faço não é nada bonito” (ANEXO G e ANEXO H)

O eixo que trata sobre amor pretende se debruçar sobre o amor pouco abordado pela mídia de massa. A crônica de Martha Medeiros “Se eu fosse eu” trata do amor próprio e de como as pessoas agem para agradar ao outro. A crônica de Fabrício Carpinejar “Sou o melhor no que faço, mas o que faço não é nada bonito” é sobre o amor de pai e também o amor pela escrita.

Novamente Martha inicia a crônica com uma outra escritora como fonte. Ela cita Clarice Lispector e marca da autora em causar perturbação no leitor. Ela se utiliza do título de uma crônica escrita por Clarice nos anos 1960 que fala sobre descobrir a si e o quanto isso é precioso.

Martha Medeiros diz que agiria diferente toda a vez que alguém a ferisse, que agiria com naturalidade, não evitaria as lágrimas e exporia seus sentimentos com intensidade. Ela chega a admitir que não age como ela mesma em certas situações e a afirmativa da autora está coordenada com toda a pesquisa prévia, em que se pode notar que o formato de personalidade exigido pela sociedade é inalcançável.

Mais uma vez Martha relata sua incapacidade de lidar com os horários que lhe são impostos pelo trabalho e outros compromissos. Ela delineia a possibilidade de não mais trabalhar e fazer somente o que lhe faz feliz. Depois desiste dessa ideia porque conclui que prefere bancar seus próprios prazeres, por isso agiria igualmente quanto a isso.

Para finalizar, a autora corta a esperança de ser como realmente gostaria, ela diz que se fosse do jeito que se imagina sendo, ela enlouqueceria. Porém, é chegado o momento de amar mais a si mesmo e agir com transparência.

Esta pesquisa esteve focada em mostrar alguns pensamentos ultrapassados e aprender com eles a agir de maneira inusitada. Desta forma, a crônica de Martha dá abertura para uma tentativa de mudar tais atitudes, que logo é desestruturada pelo preconceito da autora. Ela afirma que se agisse do jeito que planeja mentalmente seria indecente em seus atos, ou seja, novamente a cronista

desfaz a idealização que este trabalho apoia, a de ser o que se quer ser, de maneira a contribuir para um mundo com menos julgamento. Consequentemente com menos culpa.

Fabrizio Carpinejar no texto “Sou o melhor no que faço, mas o que faço não é nada bonito” descreve os maus momentos pelos quais passou, as barreiras que atravessou até a atualidade. Para isso, ele conta sobre o apelido que recebeu do pai, que o chama de Wolverine.

O autor deixa claro que a aparência física nada tem a ver com a do ator que representa o papel de Wolverine. Ele é comparado pelo pai que diz que o personagem tem a capacidade de se refazer depois de momentos de tristeza. Essa metáfora serve de salto entre a imagem que o leitor tem do cronista e a imagem que o pai dele tem a respeito do filho.

A metáfora para Fabrizio está como uma instigadora da sobrevivência humana. O autor se apega nela para descrever toda a sua luta para transpor os obstáculos no caminho.

Carpinejar se deleita com as capacidades de sobrevivência que possui para então exemplificar os tantos sofrimentos pelos quais passou. Só que sobreviver não é o que o ser humano deseja e a aceitação não é algo inerente às pessoas. Carpinejar até cita: “Sobrevivi, vou sobreviver, mesmo que não acredite na hora”; como uma imagem de representação para aqueles momentos em que há desesperança.

Por fim, Carpinejar conta o motivo pelo qual seu pai o chamava de Wolverine: “– E as garras das mãos, pai?– São as palavras, meu filho. Você se defende com a linguagem ou se agarra nela para não morrer”. Esta colocação do pai pode ser compreendida como uma fala amorosa, uma palavra familiar raramente contemplada pelas mídias tradicionais. A fala do pai reporta o autor ao seio da família e à compreensão emocional oferecida pelos mais próximos, algo que é tão necessário, porém tão facilmente ignorado.

6.5 Tecnologia - “Até que o Facebook nos separe” e “Os solitários” (ANEXO “H” e ANEXO “I”)

A crônica “Até que o Facebook nos separe” foi recitada por Carpinejar na Rádio Gaúcha no dia 26 de junho de 2015 e trata sobre as convenções do

casamento atual. O cronista diz que as antigas cláusulas do contrato nupcial estão ultrapassadas por causa da tecnologia.

A presente pesquisa vê a tecnologia como um paradigma da modernidade e pós-modernidade. A tecnologia é instrumento de aproximação e também afastamento na sociedade atual. Pela ótica de Carpinejar, o mundo virtual é outro mundo, outra maneira de realidade que, para ele, exige o mesmo comportamento da verdade palpável.

De acordo com Fabrício Carpinejar, as pessoas devem ser leais e fiéis tanto no mundo real quanto na virtualidade. Afirmar que o comportamento de uma pessoa deve seguir uma linha que atravessa essas duas realidades, não separando as atitudes tomadas nos dois universos. Ele acredita que a fidelidade está nos momentos em que as pessoas não estão sendo observadas.

O autor ainda pontua que “traição é ser íntimo de duas pessoas ao mesmo tempo”, o que revela uma concepção de realidade muito próxima daquela apresentada nesta pesquisa. Anterior a esta fala, o autor diz que a traição não está somente ligada ao ato sexual.

As pessoas acreditam estarem seguras no ambiente virtual, mas esquecem que, ainda que não haja o toque, a presença, a intenção continua a mesma. Antes da tecnologia avançar de tal maneira, a traição já era presente e acontecia de outras formas.

A crônica “Os solitários” de Martha Medeiros se propõe a falar sobre o outro lado da solidão. A solidão que causa uma doença, ou a solidão como consequência de uma doença: a depressão.

A autora exemplifica com alguns casos de assassinatos em massa que ocorreram há pouco tempo. Ela julga que todas as pessoas que cometeram tais atos estiveram reclusas em seus quartos e procuraram companhia de outras pessoas que mal as conheciam via Internet. Tal atitude, segundo a cronista, cercada de solidão neste caso, é um sinal para ativar a atenção dos mais próximos.

A autora desconsidera o fato de que a solidão, muitas vezes, é resultado de uma série de exclusões impostas pela modernidade. As pessoas mais tímidas ou de personalidade quieta são facilmente rejeitadas pela sociedade. Martha diz que “as garotas os rejeitam e namoram meninos mais populares”, e esta é a imagem da mais clara exclusão destes solitários, que não estariam solitários, não fossem os

padrões inalcançáveis de beleza, personalidade e equilíbrio que são cobrados incessantemente.

Martha ainda acredita que a “personalidade vingadora” dessas pessoas é fruto de seu sofrimento por não estarem inseridos em nenhum contexto social. Ela entende que as mortes provocadas por tal ira se devem aos “inimigos imaginários oriundos da conhecida oficina no diabo”, rebaixando o sofrimento alheio como uma invenção da mente. A autora não está atenta o suficiente aos jovens adultos da atualidade, que vivem massacrados por uma cultura extremamente capitalista, que cobra friamente o sucesso profissional, e só.

A cronista afirma que estes episódios de raiva são exceções e que a “maluquice” em graus menores também leva as pessoas a universos paralelos. Como se uma ideia arquitetada apenas em mente, fosse menos importante do que uma atitude desnorteada. A autora diz que tais pensamentos são alimentados por outros solitários através da Internet e que se esses procurassem pessoas próximas, familiares e amigos, essas “sandices” não teriam vazão.

Martha justifica atitudes violentas com o ambiente virtual como principal fonte de abastecimento dessas ideias. Ela se mostra simplista. A autora não leva em conta os dilemas internos e nem as dificuldades existentes no contexto familiar. Além disso, ela encarrega os próprios “esquisitões” de não terem amizades ou participarem de eventos sociais.

A cronista tem uma visão retrógrada a respeito de pessoas solitárias, estereotipada. Ela as culpa por serem de tal forma e não exemplifica a barreira existente entre as pessoas. Em particular, quem mora em grandes cidades e, pela vida mais agitada ou por falta de interesse, tem dificuldades de uma maior aproximação, quanto mais a construção de uma relação de confiança e amor, algo que exige dedicação e entrega.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi constatado no decorrer deste trabalho, a crônica está ocupando um lugar de destaque nos jornais diários. Entre os cronistas de Zero Hora, jornal que analisamos nesta perspectiva, grande parte publica crônicas a respeito do cotidiano particular, fazendo comparações e metaforizando suas experiências. Outra parcela de escritores se arrisca a tratar de assuntos polêmicos, muitas vezes interpretando tais dilemas conforme sua visão limitada de mundo.

Tendo em vista a importância do gênero jornalístico literário que, por muitas vezes, é entendido como um gênero de pouca relevância no contexto do jornalismo tradicional, identificou-se a necessidade de um debate sobre os rumos da crônica dentro dos periódicos na atualidade. A presente pesquisa teve como questão norteadora a seguinte pergunta: como a solidão urbana é representada na crônica contemporânea?

A partir da identificação da questão norteadora, foi realizado o levantamento bibliográfico, que poderia compreender a crônica em seu papel mais relevante possível dentro da sociedade pós-moderna, assim como seu posicionamento literário em um contexto tradicional como o jornal.

Ao longo desta monografia buscou-se ampliar a visão acerca da solidão urbana, que é tema da contemporaneidade, inserida em diversos recortes escritos por dois dos mais prestigiados escritores das últimas duas décadas no Rio Grande do Sul: Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar.

Frente a esta premissa e, ainda, por meio da pesquisa por referencial teórico, o segundo capítulo foi dedicado à crônica. Tratou-se de desvendar a história do gênero para que houvesse um entendimento dos modelos, técnicas e condições que levam uma crônica a ser categorizada como tal. A partir desta etapa da indagação, buscou-se por referenciais sociológicos e culturais, e foi possível observar com cautela as opiniões expressadas por Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar.

Para melhor construir e relatar as inferências acerca dos textos analisados, foram desenvolvidas as seguintes hipóteses: a solidão urbana é tema recorrente nas crônicas de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar; as crônicas desses autores retratam o individualismo na cidade; as crônicas denotam que a competitividade

acirrada no cenário urbano é um dos fatores que evidenciam a solidão; pelas crônicas selecionadas é possível traçar um panorama da família contemporânea, com questões como crises de casal, violência doméstica, sobrecarga da mulher, valores familiares e ideais de perfeição inalcançáveis; a solidão se evidencia a partir de conflitos como a disputa de posições na sociedade – característicos da vida em cidade; e os textos demonstram que, apesar de o que se costuma imaginar, as tecnologias aproximam as pessoas na sociedade moderna.

A primeira hipótese que foi comprovada está relacionada à recorrência do tema “solidão urbana” nos textos de Martha e Fabrício. Concluiu-se que este assunto está presente em todas as crônicas destacadas. A solidão urbana é tema usual, não somente naquele texto que traz a palavra “solidão”, mas todo aquele que apresenta os sentimentos que os cidadãos vivem e reprimem.

Outra hipótese que também foi confirmada diz respeito ao retrato do individualismo nas cidades. As crônicas relatam o individualismo de maneiras opostas, a parte positiva: de estar só e agir por si; a parte negativa: de se retirar da sociedade atual por medo, opção ou imposição (em função dos modelos inalcançáveis apresentados anteriormente). O individualismo pode levar a uma reclusão doentia, pois como foi evidenciado, o ser humano necessita de contato pessoal, de alguém que o compreenda emocionalmente e com um nível elevado de intimidade, a real intimidade.

A terceira hipótese também veio a se confirmar pelos recortes apresentados. Foi possível traçar um panorama sobre os dilemas das cidades elencados para debate: a efemeridade, a tecnologia, a individualidade, o amor e a independência. Como foi demonstrado, a vida em cidade expõe as pessoas a um patamar inalcançável de felicidade, onde cada degrau conquistado, representa a cobrança por novos degraus e assim por diante, em um ciclo que leva à solidão ou que exige a solidão.

A quarta hipótese foi confirmada a partir da constatação da terceira. A vida na cidade carrega uma característica de disputa por posições, sejam elas em função de espaço físico ou no âmbito socioeconômico. Por esta razão a pesquisa esteve ligada a outras áreas do conhecimento das quais a comunicação ainda carece, como a psicanálise.

A quinta e última hipótese não pôde ser refutada ou confirmada por se tratar da tecnologia, um assunto ainda em movimento. A tecnologia foi percebida como um

paradoxo da modernidade, como algo que separa, ao mesmo tempo une. O que se identificou como essencial é que não se abra mão do contato físico.

Outros diversos assuntos puderam ser aproximados da presente pesquisa. Por exemplo: observou-se que a tecnologia é para geração analógico-digital, esta que nasceu entre as duas épocas, como um recurso e não um meio. Os jovens adultos costumam sentir falta do contato físico. Já a nova geração, nascida depois de 2000, tende a pensar estar íntima de alguém, mesmo que este contato seja apenas digital, comprovando que a intimidade de maior importância é a emocional.

Para além destas hipóteses, o embasamento científico ofereceu nova perspectiva à pesquisa, contemplando a consciência sobre limitações destes cronistas até então desconsideradas na etapa de projeto de pesquisa.

Comparando-se com os autores de crônicas do passado, do cerne da crônica, no qual o eixo principal era a crítica ao governo, foi constatado que os autores escolhidos para a análise servem a um modelo comunicacional. Este modelo entra em colapso na modernidade, muito em função da Internet, que destruiu a linha que separava as empresas de comunicação de seu público. Neste molde, o coletivo permanecia sem expor sua opinião. Hoje a crítica é possível e necessária, começa uma nova fase para o jornalismo.

Outro ponto relevante é sobre a cultura de massa que, na atualidade, encontra-se abalada em diversos nichos da sociedade. A totalização de um pensamento exposto por um cronista já pode ser identificada por uma parcela de leitores.

Essa generalização que, de acordo com Adorno (2009) “coisifica” as pessoas, tornando-as muito parecidas, está presente nos recortes analisados. Pôde-se identificar que os cronistas selecionados estão pouco atentos à condição social de seus leitores, incluindo-os em um grande grupo que se comporta e desfruta dos mesmos recursos. Essa “coisificação” está claramente representada nas crônicas estudadas e exalta a mentalidade pequeno-burguesa, principalmente na escrita de Martha Medeiros.

Observou-se nos textos da análise a demonstração da exclusão social, através das colocações superficiais apresentadas pelos autores selecionados. A perversidade do sistema econômico vigente também foi relatada por meio de referências do campo sociológico, bem como exemplificada nas crônicas escolhidas para o corpus.

Outro ponto de relevância é a observação da literatura como uma abertura para um processo de busca. Algo que, no contexto estudado, esteve distante dessa ideia por apresentar opiniões fechadas. Isso pode ter carregado essas crônicas ao patamar de autoajuda, o que influencia o leitor direta e negativamente, não o instigando à crítica.

Investigar os aspectos elencados anteriormente sobre a vida urbana abriu novos olhares a respeito do gênero jornalístico literário. A crônica foi escolhida pela demonstração da necessidade de expor os sentimentos coibidos pela sociedade e também de permitir-se enxergar a modernidade de uma maneira mais fluida.

De maneira geral, a solidão é um sentimento recorrente não somente nos recortes selecionados para esta pesquisa, como também para a vida do ser humano. O momento solitário é especial, algo a ser valorizado. É a parcela de sonho dentro da realidade, assim como a crônica deveria ser. Para Barthes (1978), a literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder. Somente este conceito já se coloca em choque com os textos analisados ao longo deste estudo.

O olhar para dentro de si é intenso e seguro, bem como o papel das crônicas na atualidade com o objetivo de colocar em evidência os sistemas sentimentais que foram esquecidos pela sociedade atual. Portanto, almeja-se com esta investigação, abrir espaço para futuras pesquisas, que contemplem um jornalismo mais amoroso e atento ao papel da crônica de abertura dos horizontes do seu leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade** / Theodor W. **Adorno**; seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et a1.]. São Paulo.

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARTHES, Roland. Aula. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. 258 p.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. 434 p

BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho & Morro do isolamento*. **Cafezinho**, Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 156-157.

BRANDÃO, Antônio Leite (org). **As cidades a cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, 197 p.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003. 158 p.

CAMINHA, Pero Vaz de; SIMÕES, Henrique Campos. **A carta de Pero Vaz de Caminha**: a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil. São Paulo: M. Claret, 2002. 128 p. (Coleção a obra-prima de cada autor; 96).

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés do chão**. In: CÂNDIDO, Antônio et al **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações**. Campinas: Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002. 180 p.

CÉSAR, Guilhermino. **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801**. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998. 189p.

COUSINEU, Phill. **A jornada do herói: Joseph Campbell Vida e Obra**. São Paulo: Agora, 2003, 287p.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Além do princípio do prazer [1920].

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991. 177 p.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 182 p

LIPOVETSKY, Gilles (1989), **A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**, Lisboa, Relógio d'Água. (2010)

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. xviii, 123 p.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina (Org.). **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 303 p.

MEDEIROS, Martha. **Caixa Especial Martha Medeiros – Coleção Crônicas: Paixão, Felicidade e Liberdade Crônica**. 1ed. Porto Alegre: L&PM, 2014, 760p.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 208 p.

MORRIS, Desmond. **Comportamento íntimo**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. 212 p.

MORRIS, Desmond. **The Human Zoo: A Zoologist's Classic Study of the Urban Animal**. Nova Iorque, Estados Unidos, 1996. 257p

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.** 2.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. 393 p.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1985. 94 p.

SILVA, Jandira M.M. da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa Sul-Rio-Grandense.** Porto Alegre: CORAG - Cia Riograndense de Artes Gráficas, 1986. 343 p.

RICOUER. Paul. **A Metáfora Viva.** São Paulo: Loyola, 2000.

Artigos:

DE SIMONE, R.. A narrativa da cidade – o espaço privado e os invisíveis. **Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise.** Publicado em fev. 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/12627/10050>

IMANISHI, Helena Amstalden. **A metáfora na teoria lacaniana: o estádio do espelho.** **Bol. psicol,** São Paulo , v. 58,n. 129,dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a02.pdf>

NORONHA, Andrius Estevam. **Elite intelectual do Rio Grande do Sul (1930 – 1950).** Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.rbgdr.net/032008/artigo6.pdf>

RODRIGUES, Samara Megume. **Eros e Tântatos: nossas porções de vida e de morte.** Disponível em: <http://www.rodadepsicanalise.com.br/2013/11/eros-e-tanatos-nossas-porcoes-de-vida-e.html>

ROSETTI, Regina. **As metáforas nas crônicas de Cony e Veríssimo.** Estudos em Jornalismo e Mídia:, UFSC. p. 22 a 33, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p23>

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. **Carlos Heitor Cony e as crônicas contra o golpe militar de 1964 no jornal Correio da Manhã**. Publicado na Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.3, n.2, jul./2014 – dez./2014. Disponível em: <http://www.unicentro.br/rbhm/ed06/dossie/06.pdf>

Entrevista:

MAFESSOLI, Michel. **Michel Maffesoli e o Homo eroticus pós-moderno: "Voltamos ao que o racionalismo moderno eliminou"**. 23.07.2015. Entrevista concedida a: José Castello. Disponível: <http://www.fronteiras.com/entrevistas/michel-maffesoli-e-o-homo-eroticus-pos-moderno-voltamos-ao-que-o-racionalismo-moderno-eliminou>

Tese:

LOSSO, Rhiago. O sujeito do “entre-lugar” na literatura portuguesa: um diálogo entre Bhabha e Lobo Antunes; tese de mestrado apresentada à FAPESP; 2010. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/ColoquioLetras/rhiagoosso.pdf>

Revista:

QUEIROZ, Rachel. **Revista O Cruzeiro: Votar**, publicado na edição de 11 de janeiro de 1947. Disponível em: http://pt.slideshare.net/marcondesneto/votar-texto-de-raquel-de-queiroz38261043utm_source=slideshow&utm_medium=ssemail&utm_campaign=posit_upload_view_cta

Sites consultados:

<http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=rs&tema=registrocivil2013>
(último acesso em 23.09.2015)

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2011/07/um-ano-depois-da-nova-lei-divorcios-disparam-em-cartorios-do-rs-3388565.html> (último acesso em 24.09.2015)

<http://www.fronteiras.com/entrevistas/michel-maffesoli-e-o-homo-eroticus-pos-moderno-voltamos-ao-que-o-racionalismo-moderno-eliminou> (último acesso dia 25.09.2015)

<https://www.facebook.com/carpinejar/posts/982533971766915:0> (último acesso em 07.10.2015)

<http://carpinejar.blogspot.com.br/> (último acesso em 02.11.2015)

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "SEPARAÇÕES LÍQUIDAS"

Casar virou namorar, namorar virou ficar, ficar virou provar.

Acredito que todo mundo casa fácil porque é também muito fácil se separar.

Nos anos 70, o casamento era medido por décadas. Mesmo quando um casamento fracassava, durava no mínimo duas décadas.

Nos anos 80, o casamento era medido por anos. Mesmo quando um casamento desmoronava, durava no mínimo cinco anos.

O casamento hoje é por dia. Como se fosse hotel.

Agora o matrimônio cobra diária. Todo dia é dia de se separar. E por qualquer coisa.

Las Vegas do divórcio é aqui.

Você pode sair de manhã, eufórico e confiante, extremamente disposto, seguro do romance, e quando voltar de noite não encontrar mais ninguém ao seu lado.

Se cometeu uma falha, nem terá oportunidade de se explicar. Se não errou, nem terá chance de entender e desfazer confusões.

É tão simples se divorciar que ninguém mais pretende se estressar. Não há nem o civilizado e educado aviso de despejo. É dar as costas, largar o passado e seguir adiante. Quebrou o amor, troca! Quebrou o amor, compra outro!

Quebrou o amor, não vale investir consertando!

Os casais não brigam mais até cansar para, então, se separar. Não brigam mais até esgotar as possibilidades para, então, se separar. Não tentam durante semanas e semanas expor as dores, as feridas e a raiva para, então, se separar. Não recorrem ao choro, à histeria, ao perdão, ao abraço, ao exorcismo, aos centros religiosos, aos amigos, aos parentes para, então, se separar.

A separação vem antes. A separação é a regra. A separação é o hábito. A separação é seca, definitiva, sem explicações.

As pessoas se separam primeiro para depois discutir. As pessoas se separam primeiro para depois conversar. As pessoas se separam primeiro para depois desabafar o que incomoda.

Elas arrumam todas as malas, esvaziam os armários, realizam a limpa no apartamento e depois, se houver vontade, se encontram e sentam frente a frente para resolver as diferenças.

São uniões interrompidas com silenciadores, distante de estampidos e gritos.

Ninguém se separa de fato, todo mundo deserta, todo mundo abandona a convivência.

É uma irresponsabilidade extraordinária com o outro, é uma indiferença tremenda ao que foi construído com o outro, é um desprezo ao que foi sonhado a dois.

E os motivos podem ser os mais loucos e insignificantes. O desenlace não ocorre mais por justificativas duras como adultério e deslealdade.

Há gente que se separa por incompatibilidade de gênios (expressão que denuncia megalomania, o correto seria incompatibilidade de burros).

Há gente que se separa porque não suporta o medo de ser traído.

Há gente que se separa porque estava muito feliz e não aguentava tamanha pressão.

Há gente que se separa porque se viu entregue ao relacionamento e estava perdendo a identidade.

Há gente que se separa porque não sabia mais o que estava fazendo da vida.

Há gente que se separa porque não esperava que fosse assim.

Atualmente entra-se numa relação e não se fecha a porta - a porta permanece encostada o tempo inteiro.

Fabício Carpinejar

Publicado em: Jornal Zero Hora – 29 de junho de 2014

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA: “A SEPARAÇÃO COMO UM ATO DE AMOR”

É sabida a dor que advém de qualquer separação, ainda mais da separação de duas pessoas que se amaram muito e que acreditaram um dia na eternidade deste sentimento. A dor-de-cotovelo corrói milhares de corações de segunda a domingo — principalmente aos domingos, quando quase nada nos distrai de nós mesmos — e a maioria das lágrimas que escorrem é de saudade e de vontade de rebobinar os dias, viver de novo as alegrias perdidas.

Acostumada com esta visão dramática da ruptura, foi com surpresa e encantamento que li uma descrição de separação que veio ao encontro do que penso sobre o assunto, e que é uma avaliação mais confortante, ao menos para aqueles que não se contentam em reprisar comportamentos padrões. Está no livro "Nas tuas mãos", da portuguesa Inês Pedrosa.

"Provavelmente só se separam os que levam a infecção do outro até aos limites da autenticidade, os que têm coragem de se olhar nos olhos e descobrir que o amor de ontem merece mais do que o conforto dos hábitos e o conformismo da complementaridade."

Ela continua:

"A separação pode ser o ato de absoluta e radical união, a ligação para a eternidade de dois seres que um dia se amaram demasiado para poderem amar-se de outra maneira, pequena e mansa, quase vegetal."

Calou fundo em mim esta declaração, porque sempre considerei que a separação de duas pessoas precisa acontecer antes do esfacelamento do amor, antes de se iniciarem as brigas, antes da falta de respeito assumir o comando. É tão difícil a decisão de separar que vamos protelando, protelando, e nesta passagem de tempo se perdem as recordações mais belas e intensas. A mágoa vai ganhando espaço, uma mágoa que nem é pelo outro, mas por si mesmo, a mágoa de se reconhecer covarde. E então as discussões se intensificam e quando a separação vem, não há mais onde se segurar, o casal não tem mais vontade de se ver, de conversar, quer distância absoluta, e aí se configura o desastre: a sensação de que nada valeu. Esquece-se o que houve de bom entre os dois.

Se o que foi bom ainda está fresquinho na memória afetiva, é mais fácil

transformar o casamento numa outra relação de amor, numa relação de afastamento parcial, não total. Se os dois percebem que estão caminhando para o fim, mas ainda não chegaram no momento crítico — o de se tornarem insuportavelmente amargos — talvez seja uma boa alternativa terminar antes de um confronto agressivo. Ganha-se tempo para reestruturar a vida e ainda se preserva a amizade e o carinho daquele que foi tão importante. Foi, não. Ainda é.

"Só nós dois sabemos que não se trata de sucesso ou fracasso. Só nós dois sabemos que o que se sente não se trata — e é em nome deste intratável que um dia nos fez estremecer que agora nos separamos. Para lá da dilaceração dos dias, dos livros, discos e filmes que nos coloriram a vida, encontramos-nos agora juntos na violência do sofrimento, na ausência um do outro como já não nos lembrávamos de ter estado em presença. É uma forma de amor inviável, que, por isso mesmo, não tem fim."

É um livro lindo que fala sobre o amor eterno em suas mais variadas formas. Um alento para aqueles — poucos — que respeitam muito mais os sentimentos do que as convenções.

Martha Medeiros

Publicado em: Jornal Zero Hora em 12 de março de 2006

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA: "PEQUENOS CÉUS SOMADOS"

O pássaro que voará mais alto é o pássaro que nunca desistiu de puxar a coleira.

Será a ave amarrada pelas patas que não se conformou com o confinamento da gaiola e que toda manhã esticará seu corpo até o máximo.

Até o máximo daquele dia.

Não pode se soltar, mas nem por isso se sentirá preso. Não é livre, mas nem por isso deixará de admirar a possibilidade de flunar.

Se não tem condições de brincar com as árvores, brincarará com sua sombra.

Se não tem como brigar pela comida, valorizará o alpiste que recebe em sua tigela quebrando minuciosamente cada grão.

Se não tem vento para expor sua plumagem, baterá as asas para fazer vento em si.

Se não tem o sol na cara, levantará as unhas pelas barras das grades por um punhado de luz.

O pássaro que voará mais alto sempre é o que – enquanto não pode voar – canta, é o que – enquanto não pode subir – caminha, é o que – enquanto não pode planar – afia o bico.

Não reclamará da falta de opção, usará as opções que tem.

Não pode voar, mas treina seu voo esticando a coleira até o máximo. Até o máximo daquele dia.

Puxará a corrente ao limite. Somará pequenos céus com os centímetros de sua corrente.

Tudo o que voará depois será resultado de tudo o que andou em seus limites.

Cinco passos repetidos à exaustão darão o condicionamento de quilômetros.

Não estará destreinado para as alturas, já que exercitou seu fôlego no chão.

Não desistiu de avançar mesmo com a ausência de espaço. Não se restringiu a uma aparência apagada. Não se encabulou pelo sofrimento.

Quando não havia chance de sair dali, aproveitou a solidão para se conhecer.

Quando não havia com quem conversar, aproveitou o silêncio para afinamentos.

Deveria ser triste pelas suas circunstâncias, porém é feliz pelo temperamento.

Deveria ser melancólico pelo destino, porém é confiante no acaso.

O pássaro que desaparecerá um dia no alto das nuvens, como se fosse mais uma nuvem, foi o pássaro que jamais parou de tentar.

Só voará alto quem carregou suas penas.

Só voará alto aquele que criou seu lugar um pouco por vez, aquele que formou sua virtude em segredo, aquele que não culpou a vida para se manter parado.

Liberdade vem com o tempo, liberdade vem devagar, liberdade é esforço. Não ser do tamanho de nossa prisão, mas ser do tamanho de nossa vontade.

Fabício Carpinejar

Publicado em: Jornal Zero Hora em 17/09/2013

ANEXO D - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "NÓS"

Poucas pessoas gostam de viajar sozinhas. O que é compreensível: a melhor modalidade é a dois, também acho. Mas, na ausência momentânea de parceria, por que desconsiderar uma lua de mel consigo mesmo?

Uma amiga psicanalista me disse que não é por medo que as pessoas não viajam sozinhas, e sim por vergonha. Faz sentido: numa sociedade que condena a solidão como se fosse uma doença, é natural que as pessoas se sintam desconfortáveis ao circularem desacompanhadas, dando a impressão de serem portadoras de algum vírus contagioso. Pena. Tão preocupadas com sua autoimagem, perdem de se conhecer mais profundamente e de se divertir com elas próprias.

Vivi recentemente essa experiência. Tirei 10 dias de férias, e não diga que não reparou, ou morrerei de desgosto. Estive em lugares que já conhecia para não me sentir obrigada a conferir as atrações turísticas _ o “aproveitar” não precisa necessariamente ser dinâmico, podemos aproveitar o sossego também. Minha intenção era apenas flunar, ler, rever amigos que moram longe e observar a vida acontecendo ao redor, sem pressa, sem mapas, sem guias. Dormir até mais tarde e almoçar na hora em que batesse a fome, se batesse. Estar disponível para conversar com estranhos, perceber o entorno de forma mais aguçada, circular de bicicleta por cidades estrangeiras. Ave, bicicleta! Diante do incremento de turistas no mundo, não raro impossibilitando a contemplação de certos pontos, alugar uma bike às 7h30min foi a solução para curtir ruas vazias e silenciosas.

Solitários, somos todos, faz parte da nossa essência. Não é um defeito de fabricação ou prova de nossa inadequação ao mundo, ao contrário: muitas vezes, a solidão confirma nossa dignidade quando não se está a fim de negociar nossos desejos em troca de companhia temporária. E a propósito: quem disse que, sozinho, não se está igualmente comprometido?

Numa praça em Roma, um casal de brasileiros se aproximou. Começamos a conversar. Lá pelas tantas, perguntei de onde eles eram. “De São Paulo, e você?” Respondi: “Nós, de Porto Alegre”. Nós!!! Quanta risada rendeu esse ato falho. Eu e eu. Dupla imbatível, amor eterno, afinidade total.

Se você não se atura, melhor não viajar em sua própria companhia. Mas se

está tudo bem entre “vocês”, saiam por aí e descubram como é bom sentar num café num dia de sol, pedir algo para beber enquanto lê um bom livro, subir até terraços para apreciar vistas deslumbrantes, entrar em lojas e ficar lá dentro o tempo que desejar, entrar num museu e sair dali quando bem entender, caminhar sem trajeto definido nem hora pra voltar, pedalar ao longo de um rio ouvindo suas músicas preferidas no iPod, em conexão com seus pensamentos e sentimentos, nada mais.

Vergonha? Senti poucas vezes na vida, quando não me reconheci dentro da própria pele. Mas estando em mim, sob qualquer circunstância, jamais estarei só.

Martha Medeiros

Publicado em: Jornal Zero Hora em 30 de setembro de 2012

ANEXO E - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "DOIDAS E SANTAS"

Estou no começo do meu desespero e só vejo dois caminhos: ou viro doida ou santa.

”São versos de Adélia Prado, retirados do poema “A serenata”.

Ele narra a inquietude de uma mulher que imagina que mais cedo ou mais tarde um homem virá arrebatá-la, logo ela que está envelhecendo e está tomada pela indecisão – não sabe como receber um novo amor não dispendo mais de juventude.

E encerra: “De que modo vou abrir a janela, se não for doida? Como a fecharei, se não for santa?”

Adélia é uma poeta danada de boa.

E perspicaz.

Como pode uma mulher buscar uma definição exata para si mesma estando em plena meia-idade, depois de já ter trilhado uma longa estrada, onde encontrou alegrias e desilusões, e tendo ainda mais estrada pela frente?

Se ela tiver coragem de passar por mais alegrias e desilusões – e a gente sabe como as desilusões devastam – terá que ser meio doida. Se preferir se abster de emoções fortes e apaziguar seu coração, então a santidade é a opção.

Eu nem preciso dizer o que penso sobre isso, preciso? Mas vamos lá. Pra começo de conversa, não acredito que haja uma única mulher no mundo que seja santa.

Os marmanjos devem estar de cabelo em pé: como assim, e a minha mãe???

Nem ela caríssimos, nem ela.

Existe mulher cansada, que é outra coisa.

Ela deu tanto azar em suas relações que desanimou.

Ela ficou tão sem dinheiro de uns tempos pra cá que deixou de ter vaidade. Ela perdeu tanto a fé em dias melhores que passou a se contentar com dias medíocres.

Guardou sua loucura em alguma gaveta e nem lembra mais. Santa, mesmo, só Nossa Senhora, mas, cá entre nós, não é uma doideira o modo como ela engravidou?

(Não se scandalize, não me mande e-mails, estou brin-can-do.)

Toda mulher é doida. Impossível não ser.

A gente nasce com um dispositivo interno que nos informa desde cedo que, sem amor a vida não vale a pena ser vivida, e dá-lhe usar nosso poder de sedução para encontrar *the big one*, aquele que será inteligente, másculo, se importará com nossos sentimentos e não nos deixará na mão jamais. Uma tarefa que dá para ocupar uma vida, não é mesmo?

Mas além disso temos que ser independentes, bonitas, ter filhos e fingir de vez em quando que somos santas, ajuizadas, responsáveis, e que nunca, mas nunca, pensaremos em jogar tudo pro alto e embarcar num navio pirata comandado pelo Johnny Depp, ou então virar louca e cafetina, ou sei lá, diga aí uma fantasia secreta, sua imaginação deve ser melhor que a minha .

Eu só conheço mulher louca.

Pense em qualquer uma que você conhece e me diga se ela não tem ao menos três dessas qualificações: exagerada, dramática, verborrágica, maníaca, fantasiosa, apaixonada, delirante.

Pois então. Também é louca. E fascina a todos.

Todas as mulheres estão dispostas a abrir a janela, não importa a idade que tenham.

Nossa insanidade tem nome: chama-se Vontade de Viver até a Última Gota. Só as cansadas é que se recusam a levantar da cadeira para ver quem está chamando lá fora.

E santa, fica combinado, não existe.

Uma mulher que só reze, que tenha desistido dos prazeres da inquietude, que não deseje mais nada?

Você vai concordar comigo: só se for louca de pedra.

Martha Medeiros

Publicado na Zero Hora em 13 de abril de 2008

ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "NÃO É AMOR"

Por que ela não conta? Por que ela não presta ocorrência na delegacia?

Todos acham um absurdo apanhar e não revidar publicamente.

Não é fácil se separar. Não é simples para muitas mulheres denunciar o companheiro.

Eu entendo a vergonha de quem suporta maus-tratos em casa.

A humilhação de apanhar do marido. De receber tapa ou empurrão e guardar para si. De levar soco ou pontapé e cuidar dos hematomas em sigilo.

Ninguém tem ideia de como essas pessoas sofrem.

Sofrem pela dor física, mas sofrem ainda mais pela esperança de que um dia seu homem vai se recuperar. E isso não acontece.

As mulheres que aguentam violência doméstica são solitárias. Absurdamente sozinhas. Loucamente desamparadas.

Perdem a paciência e a tolerância de quem poderia salvá-las.

Elas se isolam dos amigos, pois não têm mais coragem de disfarçar as histórias.

Elas se distanciam dos familiares porque nenhum parente admitiria a hipótese sequer de um insulto.

Morrem socialmente: enterradas vivas em suas próprias residências.

Apesar do calor excessivo, não podem usar vestidos e mangas curtas para não ostentar as feridas e os inchaços. Acordam de óculos escuros para se encarar no espelho.

Colocam sua maquiagem a reparar os danos noturnos.

Para os colegas, estão constantemente caindo da escada e tropeçando nos móveis.

Para os filhos, fingem que não choram com um sorriso que não mexe nem as rugas.

Elas mentem no lugar do agressor. Mentem pelo medo de não ter outra chance de ser feliz.

Dedicam suas horas a zelar por uma farsa, a proteger um conto de fadas que existe na aparência, tentando salvar o casamento a qualquer custo.

Festejam as semanas sadias como milagres. Saúdam os momentos calmos como férias. Esmolam olhares de ternura para compensar o inferno.

Eu entendo as mulheres agredidas. Entendo, e dói entender.

É uma espiral de constrangimentos, que abole as defesas, que apaga a personalidade, que anula o temperamento.

São frágeis, quebradiças, carentes.

Atravessam um domingo inteiro procurando uma desculpa para continuar.

São as únicas que não enxergam que terminou o relacionamento, que não há jeito de recuperar o respeito.

Não são apenas cegas de amor, porém também surdas e mudas. O amor roubou todos os sentidos, todo o sentido de suas vidas.

Juram que foi uma exceção quando é a terceira ou quarta vez que a discussão desanda em briga.

Invertem a perspectiva do mundo: a tranquilidade é a exceção em sua rotina e se enganam que é a regra.

Juram que o marido não é violento, que há muita pressão do trabalho, que é efeito da bebida.

Explicam e justificam e argumentam o impossível, naquela mania de se convencer da pobreza para aceitar a miséria.

Ele se arrepende, ele chora, ele promete que não fará de novo, ele se ajoelha, ele manda flores, mas será reincidente.

Para essas mulheres que resistem em segredo, só tenho uma coisa a dizer: quem bate uma vez baterá sempre.

Apanhar por amor jamais melhora o amor.

Fabício Carpinejar

Publicado na Zero Hora em 01 de janeiro de 2014

ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "SE EU FOSSE EU"

Clarice Lispector escreveu uma crônica com o título acima para o Jornal do Brasil, em 1968, em que ela falava sobre a grandeza de entrar no nosso território desconhecido, e o que ela faria, caso ela fosse ela mesma. Como tudo que Clarice escrevia, é uma ideia perturbadora saber que nosso comportamento é condicionado e que nem sempre fazemos o que nosso eu manda. Se eu fosse eu... puxa dá até medo.

Se eu fosse eu, reagiria. Diria exatamente o que eu penso e sinto quando alguém me agride sem perceber. Deixaria minhas lágrimas rolares livremente, não regularia o tom de voz, nem pensaria duas vezes antes de bronquear, mesmo que mexicanizasse a cena. Reclamaria em vez de perdoar e esquecer, em vez de deixar o tempo passar a fim de que a amizade resista, em vez de sofrer quieta no meu canto.

Se eu fosse eu, não providenciaria almoço nem jantar, comeria quando tivesse fome, dormiria quando tivesse sono, e isso seria lá pelas nove da noite, quando cai minha chave-geral. Acordaria então às cinco, com toda a energia do mundo, para recepcionar o sol com um sorriso mais iluminado que o dele, e caminharia a cidade inteira, até perder o rumo de casa, até encontrar o rumo de dentro.

Se eu fosse eu, riria abertamente do que acho mais graça: pessoas prepotentes, que pensam saber mais do que os outros, e encorajaria os que pensam que sabem pouco, e sabem tanto. Eu faço isso às vezes, mas não faço sempre, então nem sempre sou eu.

Se eu fosse eu, trocava todos os meus compromissos profissionais por cinema e livro, livro e cinema. Mas quem os bancaria para mim? Pensando bem, se eu fosse eu, seria como eu sou: trabalharia, reservando um tempo menor para cinema e livro, livro e cinema, mas pagando-os do meu bolso.

Se eu fosse eu, não evitaria dizer palavrões, não iria em missa de sétimo dia, não fingiria sentir certas emoções que não sinto, nem fingiria não sentir certas raivas que disfarço, certos soluços que engulo. Se eu fosse eu, precisaria ser sozinha.

Se eu fosse eu, agiria como gata no cio, diria muito mais sim.

Se eu fosse eu, falaria muito, muito menos.

E menos mal que sou eu na maior parte do dia e da noite, que sou eu mesma quando escrevo e choro, quando rio e sonho, quando ofendo e peço perdão. Sou eu mesma quando acerto e erro, e alterno isso no espaço de poucas horas, mal consigo me acompanhar. Se eu fosse indecentemente eu, aquele eu que refuta a Bíblia e a primeira comunhão, aquele eu que não organiza sua trajetória e se deixa levar pela intuição, aquele eu que prescinde de qualquer um, de qualquer sim e não, enlouqueceria, eu.

Martha Medeiros

Publicado na Zero Hora em Outubro de 2000

ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "SOU O MELHOR NO QUE FAÇO, MAS O QUE FAÇO NÃO É NADA BONITO"

Meu pai me chama de Wolverine. É o nosso apelido secreto.

Não tenho o queixo quadrado e a baixa estatura do desenho da Marvel Comics. Muito menos a suíça e o cabelo alvoroçado do ator Hugh Jackman, que interpreta o herói no cinema. A referência física não contribui para nossas semelhanças.

Ele me compara ao personagem pelo meu alto poder de cicatrização. Eu me desespero e logo ressuscito, eu caio e logo levanto.

Não morro de uma única vez. Não desisto. Não me entrego mesmo que não veja a saída. Quando não há porta, eu espero no escuro até ser a porta.

A ansiedade que me enerva acaba por aumentar minha vontade de ver de novo a luz.

Tenho fúria de viver.

Não há perda que seja total. Alguém pode me machucar terrivelmente, mas não me leva. Posso permanecer sequelado, mas sei cavar a terra por dentro da terra. Penso nos filhos, penso nos amigos, penso na literatura e sigo adiante. Cambaleiar ainda é caminhar. A chuva lava minha ferida e o vento seca.

A carne da memória se recompõe de algum jeito. Talvez seja um excesso de sofrimento na infância que me preparou para o pior no futuro.

Eu sobrevivi a tanta coisa.

Sobrevivi ao bullying na escola, ao pessoal me chamando de ET e monstro todo dia durante o ensino fundamental.

Sobrevivi à resistência dos médicos que juravam que tinha algum retardo mental.

Sobrevivi à desistência dos professores com meu desempenho.

Sobrevivi à traição de amigos.

Sobrevivi às drogas para ser aceito na roda dos adultos.

Sobrevivi à briga de rua.

Sobrevivi a uma tentativa de suicídio na adolescência.

Sobrevivi a enterros de jovens amigos.

Sobrevivi a três acidentes de carro.

Sobrevivi a três separações.

Sobrevivi ao vício do cigarro.

Sobrevivi a dois assaltos a mão armada.

Sobrevivi a várias demissões.

Sobrevivi ao distanciamento de meus dois irmãos amados.

Sobrevivi, vou sobreviver, mesmo que não acredite na hora.

Só não entendia onde meu pai enxergava as garras retráteis de Logan.

– E as garras das mãos, pai?

– São as palavras, meu filho. Você se defende com a linguagem ou se agarra nela para não morrer.

Fabrizio Carpinejar

Publicado em Zero Hora em 4 de agosto de 2013

ANEXO I - TRANSCRIÇÃO DO TEXTO "ATÉ QUE O FACEBOOK NOS SEPARE"

Ser fiel e leal atualmente exige novos acréscimos no juramento da igreja.

É preciso ser fiel e leal na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, mas também no Facebook, no Whatsapp, no Skype, no e-mail, no Twitter, no Instagram...

Estamos nos casando hoje duas vezes. São dois casamentos simultâneos: na realidade e na virtualidade.

Tem gente que casa na vida real e não na virtual.

Não é apenas ser fiel e leal com o corpo, mas também com a imaginação e com a fantasia.

Não é apenas ser fiel e leal dividindo as tarefas, mas também não escondendo nada do celular.

Não é apenas ser fiel e leal em casa, mas em todas as caixinhas de mensagens e inbox.

Não é apenas ser fiel e leal falando, mas também em todas as letras, bytes e emojis.

Não é apenas ser fiel e leal na aparência, mas também quando ninguém está olhando, o que significa não seduzir ou não se mostrar fácil em diálogos na web, é ser casado

24 horas, é não testar os limites de estranhos com perguntas, não acreditar que traição é apenas sexo.

Traição é ser íntimo de duas pessoas ao mesmo tempo.

Fabrcio Carpinejar

Texto lido na Rádio Gaúcha em 26 de junho de 2015

Disponível em:

<http://carpinejar.blogspot.com.br/search?q=at%C3%A9+que+o+facebook+nos+separe>

ANEXO J - TRANSCRIÇÃO DA CRÔNICA "OS SOLITÁRIOS"

Mateus Meira, que disparou contra a plateia de um cinema de São Paulo, em 1999, era um cara sem amigos, não frequentava grupos. Wellington Moreira, que matou alunos de um colégio em Realengo, não tinha namorada e quase nunca saía de casa. Anders Breivik, o norueguês que matou 77 jovens na Ilha de Utoya, só se relacionava com alguns poucos fanáticos como ele, pela internet. James Holmes, que semana passada matou 12 pessoas durante a exibição do novo filme do Batman, nos Estados Unidos, era considerado um sujeito recluso.

Não significa que cada garoto trancado em seu quarto vá amanhã ter seu dia de psicopata, mas coincidência não é. Estudos revelam que grande parte dos que cometem essas atrocidades são depressivos e, por consequência, se isolam da sociedade. Muitos não buscam tratamento, consideram-se apenas “na deles”. E os pais acabam por respeitar seu jeito de ser. E os colegas não os chamam para as festas. E as garotas os rejeitam e namoram meninos mais populares. Apartados de todos, eles vão se confinando num cativeiro mental e social, passando a levar mais em conta a fantasia do que a realidade. Mas sofrem com a exclusão, ou não desenvolveriam uma personalidade tão vingadora.

Não se mata para brincar. Quem atira está atirando em inimigos imaginários, oriundos da conhecida “oficina do diabo”.

São tragédias de exceção, não acontecem todo dia, mas há solitários que, em grau bem menor de maluquice, também se transferem para universos paralelos e alimentam ideias absurdas que, por não serem discutidas com amigos e parentes, acabam fermentando e levando a desastres. No máximo, buscam na internet pessoas tão isoladas quanto eles, que confirmam suas sandices. Se discutissem com quem realmente os conhece, com quem os ama, seriam questionados e viveriam a experiência da troca de ideias e da orientação. Mas sozinhos, entre quatro paredes, correm atrás da veneração garantida de outros outsiders.

Sempre que um filho nosso está com algum problema (ou sofrendo porque uma garota não quis sentar a seu lado na aula, ou com notas baixas, ou com espinhas, sei lá), é preciso se perguntar: ele tem amigos? Ele é convidado para aniversários, viagens, churrascos, jogos esportivos? Ou ele é um esquisitão que não quer saber de ninguém e ninguém dele? Porque se ele tem amigos de fato, os problemas provavelmente são típicos da idade, e não sintomas de uma

desadaptação crônica.

Ter um ídolo não é ter um amigo. Conhecidos virtuais tampouco formam uma turma de amigos. Dizer “oi, tudo bom?” é só um cumprimento. Relacionar-se é outra coisa: exige tempo, dedicação e abertura para conviver com pessoas variadas e diversas, o que ajuda a formar uma identidade saudável.

Quem não se relaciona com os outros, pensa que se basta sozinho, mas não se basta: dentro da cabeça, dá trela a seus demônios, os únicos a quem escuta.

Martha Medeiros

Publicado em Zero Hora em 25 de julho de 2013

ANEXO K - PROJETO DE MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

NATALIA SUSIN CECHINATO

**SOLIDÃO URBANA NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E FABRÍCIO
CARPINEJAR**

Caxias do Sul

2015

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

NATALIA SUSIN CECHINATO

**SOLIDÃO URBANA NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E FABRÍCIO
CARPINEJAR**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito para
aprovação na disciplina de Monografia I.

Orientador(a): Alessandra Rech

Caxias do Sul

2015

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 TEMA	08
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	08
3 JUSTIFICATIVA.....	09
4 QUESTÃO NORTEADORA	11
5. HIPÓTESES	12
6. OBJETIVOS	13
6.1 OBJETIVO GERAL	
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	
7. METODOLOGIA	14
8. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
9. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS	18
10. CRONOGRAMA	19
REFERÊNCIAS	20
Solidão urbana nas crônicas de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar	

1 INTRODUÇÃO

O espaço que as crônicas ocupam nos jornais vem crescendo. O presente projeto de monografia escolhe esse gênero, qualificado por Antônio Cândido (1992) como “amigo da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas”. É uma oportunidade de respirar entre uma notícia e outra, uma pequena parcela de sonho no mundo real.

Houve uma grande ascensão do gênero quando se fala de impressos. Esse crescimento pode ser atribuído ao interesse do estilo literário para o público que consome este tipo de mídia. A possibilidade de aproximar a oralidade da escrita, em sua linguagem coloquial, possibilita que a crônica esteja presente na leitura de um número maior de pessoas.

Em função do avanço da crônica dentro dos veículos na atualidade, a ideia é investigar o gênero em relação a um tema que se evidencia nas sociedades contemporâneas, o da solidão.

A importância da crônica se dá no momento em que se repara no cotidiano, quando uma notícia recebe uma interpretação com direito a metáforas. É o exato momento em que se “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CÂNDIDO, 1992)

A crônica surgiu nos impressos há mais de um século e meio. No Brasil, apareceu nos anos 1930 no formato que conhecemos hoje e se tornou famosa porque consegue, de uma maneira muito particular, transitar entre os temas cotidianos e o humor. No início, era chamada de “folhetim”, pois tinha a intenção de informar. Ela vinha em formato de artigo no rodapé dos jornais. Porém, depois de algum tempo, a crônica passou a ser um texto desprezioso.

Para entender não somente a importância da crônica na nos dias atuais, como seu papel de reflexo de uma sociedade que funciona na instantaneidade, o tema da solidão urbana foi o escolhido.

Para a observação a partir do tema da solidão, escolhemos dois autores por sua representatividade na imprensa do Sul do país, em especial o jornal Zero Hora (o maior em circulação no Estado: Fabrício Carpinejar e Martha Medeiros. A intenção é aprofundar como esse tema aparece e, de que forma, ele está diretamente relacionado ao contexto atual da sociedade, com o apoio de referências no assunto da modernidade, como Zygmunt Bauman.

A solidão urbana é um aspecto relevante a partir do momento em que o ser humano se dá conta de que está sozinho. Ele precisa, antes de se posicionar em uma sociedade, compreender que tudo começa por conta dele próprio. As crônicas, nesse caso, vão ao encontro da ideia de Bauman de que “devemos nos emancipar”.

Percebemos que a crônica no contexto urbano funciona como catarse - serve para mostrar como se desligar, nem que por alguns instantes, da realidade. O termo, para a psicanálise, significa essencialmente liberar bloqueios emocionais. Já na filosofia, se refere à limpeza pessoal. As duas linhas se cruzam quando a crônica tem o papel de abrandar a solidão citadina, por meio de uma escrita de fácil assimilação. Essa identificação pode ser explicada pela colocação de Bauman, que afirma que “o indivíduo só experimenta a liberdade genuína, quando está sozinho (BAUMAN, 2001, p. 23)”.

2 TEMA

Solidão urbana nas crônicas de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar

2.1 Delimitação do tema

Identificação do tema da solidão urbana em crônicas jornalísticas da atualidade (Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar), publicadas a partir dos anos 2000, e análise dos textos para maior entendimento da questão da solidão em sua complexidade e variações.

3 JUSTIFICATIVA

A proposta de investigar a crônica se justifica pelo crescimento no espaço destinado a esse gênero nos jornais em circulação. A Zero Hora, que é considerada o maior jornal do Rio Grande do Sul, conta com mais de 100 colunistas, os quais relatam e tem função crítica no que diz respeito aos assuntos noticiados e também sobre o cotidiano.

Os autores selecionados têm um grande número de leitores no Rio Grande do Sul. Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar representam as almas feminina e masculina. Eles demonstram através das crônicas, inúmeras questões que a vida propõe. Dessa maneira, muitas pessoas se identificam com os dois estilos. Uma prova são os números das redes sociais dos escritores. Martha reúne mais de 400 mil curtidas no Facebook (maio de 2015). Enquanto a página de Fabrício ultrapassa

a marca de 350 mil seguidores (maio de 2015). As publicações, a maioria derivada de suas crônicas, estão presentes em livrarias de todo país.

A investigação se debruça sobre o tema da solidão urbana, que se evidencia na obra dos dois autores. Esta solidão é expressada, muitas vezes, em Martha Medeiros nos textos que abordam a mulher diante dos relacionamentos na sociedade atual, sempre uma figura independente, mas que ainda se defronta com a necessidade de construir relações nesses novos paradigmas. Ela defende a liberdade feminina no jornal desde o ano de 1994, quando se tornou colunista da Zero Hora.

A grande ruptura na vida de publicitária que Martha seguia até os anos de 1980, veio com uma mudança para o Chile. Lá ela ficou por oito meses e, durante esse período de introspecção, ela escreveu dezenas de poesias.

Em 1995, foi lançado o primeiro livro de crônicas da autora, intitulado “Geração Bivolt”, o qual reuniu os recortes publicados na Zero hora, bem como textos inéditos. O livro “Topless”, também de crônicas, ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura, que é o mais importante na área das artes da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

A escritora, que é publicitária de formação, também tem uma coluna semanal no jornal O Globo. Entre as obras de maior destaque estão, Montanha Russa (2003), Divã (2002), Doidas e Santas (2008), A Graça da Coisa (2013). Em 2014, foi lançada uma coletânea, composta por três livros, onde estão reunidas as crônicas de maior repercussão nos 20 anos em que Martha escreve para a Zero Hora.

A escolha do escritor Fabrício Carpinejar foi pela proximidade com os problemas e dúvidas que envolvem uma vida a dois, bem como as dificuldades de relacionamento de modo geral, em um momento em que a tecnologia ao mesmo tempo em que aproxima, afasta as pessoas. O assunto de escrita do autor está intimamente ligado aos dilemas dos relacionamentos da modernidade.

Carpinejar começou a carreira como cronista no jornal Zero Hora no ano de 2011. Ele passou a ocupar o espaço que antes era de Moacyr Scliar. Sua crônica se fez notória a partir do lançamento de “Canalha”, que recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro de crônicas, em 2009. O prêmio é o mais importante da literatura brasileira.

O jornalista já tem mais de 20 obras publicadas. Além disso, ele apresenta o programa de entrevistas intitulado “A Máquina”, que vai ao ar pela TV Gazeta. Carpinejar também assina colunas nas revistas Isto é Gente e Pais e Filhos. O autor

é comentarista semanal na Rádio Gaúcha. Nesse programa, ele faz a leitura de suas crônicas.

Outro fator relevante para o desenvolvimento desta pesquisa é que a crônica, embora sua expressão nos jornais da atualidade, ainda é pouco presente nos estudos acadêmicos, principalmente no que tange o seu conteúdo. A maior parte dos textos encontrados na revisão bibliográfica se reporta à história da crônica, mas não oferece dados mais relevantes sobre a atualidade.

Refletindo, seu avanço se dá pela necessidade de uma singularidade do olhar sobre os fatos em um momento em que, o desenvolvimento da tecnologia facilita a transmissão e replicação da informação, a ponto de banalizá-la. Esse seria o olhar do cronista, que gera identificação no leitor, tornando a crônica um modo eficiente para os impressos fidelizarem seus públicos.

4 QUESTÃO NORTEADORA

Como a solidão urbana é representada na crônica contemporânea?

5 HIPÓTESES

- A solidão urbana é tema recorrente nas crônicas de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar.
- As crônicas desses autores retratam o individualismo na cidade.
- As crônicas denotam que a competitividade acirrada no cenário urbano é um dos fatores que evidenciam a solidão.
- Pelas crônicas selecionadas é possível traçar um panorama da família contemporânea, com questões como crises de casal, violência doméstica, sobrecarga da mulher, valores familiares e ideais de perfeição inalcançáveis.
- A solidão se evidencia a partir de conflitos como a disputa de posições na sociedade – característicos da vida em cidade.
- Os textos demonstram que, apesar de o que se costuma imaginar, as tecnologias aproximam as pessoas na sociedade moderna.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Identificar de que forma a solidão urbana é retratada nos textos de Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar.

6.2 Objetivos específicos

- Contribuir para o estudo da crônica no contexto contemporâneo rio-grandense.
- Identificar a solidão urbana em seus diferentes eixos temáticos (relacionamento a dois, tecnologia, trabalho, família, violência, individualismo, competitividade, papel da mulher na sociedade, entre outros).
- Analisar a atualidade presente no texto dos autores
- A partir do enfoque sobre a solidão urbana, refletir sobre o comportamento e a sociedade em ‘tempos líquidos’, apontando para, se não soluções, sugestões de conduta que atenuem tais problemas.

7 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa deixou de ser rigorosamente baseada na existência ou não de determinadas características de um estudo. Hoje ela é feita a partir da crítica, porque a nova maneira de realizar esse tipo de pesquisa admite o uso de inferências, quando se conclui algo a partir de indícios, uma afirmação construída através de premissas.

A investigação a ser realizada vai se dar pelo método de análise de conteúdo (AC). De acordo com Bardin (2000), significa “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. O que vai de acordo com o objetivo desta monografia, que busca analisar os significados da mensagem, bem como, o objeto da linguagem inserida nos textos, assim como propõe Laurence Bardin (2000).

A análise de conteúdo vai se basear na busca por novas informações a respeito da crônica publicada em impressos na atualidade, guiada pelo tema da solidão urbana. Para tal, vai realizar uma descrição analítica, que é quando se inicia o “tratamento da informação contida nas mensagens (BARDIN, p.34, 2000)”.

A partir da leitura de crônicas, foi feita uma seleção de 10 recortes e, em seguida, a organização por temas.

As crônicas selecionadas para a pesquisa revelam a solidão nas cidades. A escolha dos autores a serem analisados – Martha Medeiros e Fabrício Carpinejar – levou em conta não somente o estilo, mas a aproximação com o tema atual. Quanto a solidão moderna, Zygmunt Bauman (2001) pontua que “tudo, por assim dizer, corre por conta do indivíduo”.

A solidão urbana será dividida em cinco grandes eixos para realizar uma análise qualitativa: efemeridade dos relacionamentos, individualismo, independência, tecnologia e o amor. O método escolhido foi o de análise de conteúdo em função de que “absolve e cauciona o investigador por essa atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito” (BARDIN,2000, p.9).

Para tal, vai passar pelas três fases desse tipo de análise: a descrição, a inferência e, por fim, a interpretação, citadas em Bardin, 2000.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As seguintes obras servirão de apoio para a futura monografia. Tem por objetivo apoiar os conceitos a serem pesquisados, conceituando determinados temas de acordo com profissionais reconhecidos em suas áreas.

A Crônica , Jorge de Sá

Como um primeiro recurso, o livro trata de conceituar a crônica. A obra é importante, pois foi a primeira dedicada integralmente a explicar o gênero em sua essência. Além disso, busca ressaltar a importância, deixando de lado a definição de um gênero considerado “menor” pela maioria dos escritores.

Em um segundo momento, o autor faz questão de identificar nomes importantes da crônica como: Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino. A partir destes grandes nomes, o autor lembra da necessidade que jornalismo tem de despertar o lado sensível do ser humano. Isso se dá na crônica como se um acontecimento distante pudesse fazer parte do cotidiano de qualquer pessoa. Sá comenta que, quando “a individualidade se universaliza”, a crônica cumpre o seu papel fundamental de “ensinar o leitor a ver mais longe, muito além do factual”.

Para se unir ao eixo principal desta monografia, Sá também comenta a presença das cidades em diversas obras. O meio urbano é o início do conflito entre o ser humano e o meio que o cerca, assim o autor explica que, se observada essa via lúdica, é possível o processo de criação da crônica.

Jornalismo e Literatura – A Sedução da Palavra, Gustavo de Castro e Alex Galeno

Os organizadores apresentam uma compilação de ensaios de alguns autores que abordam a relação entre o jornalismo e a literatura. Em um dos textos, o autor Juremir Machado indica que os dois gêneros se encontram quando tomam “consciência da carne e do silêncio das palavras. No mesmo texto, Machado também evidencia que, assim como no gênero jornalístico, o literário também trabalha com a edição do que vai ser escrito.

A crônica, para Moacyr Scliar, pode ser criada com ou sem inspiração, em função de que o jornalista cria um sistema de escrita que se torna automático. Assim pode ocorrer com o cronista, que pela grande demanda de criar significados ao cotidiano, acaba, muitas vezes, frustrado.

Já na passagem “A palavra compartilhada” de Gustavo de Castro, a evidência é o tormento do narrador criativo. Para ele “o texto deve expressar as qualidades ou defeitos do narrador”. Por este motivo a intensa relação entre o cronista e seu texto, é uma passagem do momento que foi vivenciado.

A obra se torna necessária para o desenvolvimento da pesquisa quando se percebe que os ensaios contribuem para o entendimento profundo sobre a relação entre jornalismo e literatura. A respeito deste conhecimento o autor Rildo Cosson, em “Romance reportagem: o império contaminado” lembra que “se o jornalismo é império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação”.

O Imaginário da Cidade – Visões Literárias do Urbano, Sandra Jatahy Pesavento

A obra fala sobre o imaginário da cidade e sua presença inesgotável na literatura. Trata das noções espaciais criadas pelos cronistas desde o surgimento das metrópoles e suas formas de organização.

Os recortes apoiam a ideia de que as cidades tornam as pessoas mais distantes e com isso a solidão urbana. A monografia se debruça sobre os textos que representam este fato, o que vem ao encontro do que Pesavento expressa na obra quando comunica que “a cidade é uma grande devoradora de homens”.

E deste caos em que vivem as metrópoles, a inspiração literária corre livre para abordar assuntos latentes, como a desigualdade social.

As cidades invisíveis, Ítalo Calvino

Esta obra, assim como o autor, tem importância para o estudo das cidades no contexto literário. É um retrato de um espaço que perde o conceito geográfico e se mistura ao ser humano, como uma parte que não pode ser separada.

O norte da narrativa está justamente na simbologia da cidade, que surge como fábulas e contos populares. O autor cria uma ilusão para escrever a história do veneziano Marco Polo, que relata para Kublai Khan como foi a conquista das cidades do império mongol.

A surpresa maior do enredo, está no fato de existirem muitas outras cidades dentro da cidade que é possível visualizar. Mais que isso, a maneira como o autor se utiliza da realidade para criar as 55 cidades inexistentes.

Todas as cidades, a cidade, Renato Cordeiro Gomes

Assim como “As cidades invisíveis”, a obra recria cenários de cidades, em especial o Rio de Janeiro. Gomes busca uma reorganização no arranjo urbano e uma nova leitura da cidade.

O livro acrescentará no trabalho no sentido de aproximar a verdade brasileira em uma obra ficcional. As “cidades-textos” de Gomes, querem despertar novos sentimentos no que se refere à visão urbana. Para tal, ele caracteriza “as cidades como ambiente construído, como necessidade histórica”, ainda complementa a colocação afirmando que a cidade “é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza”.

Modernidade Líquida, Zygmunt Bauman

A obra será ponto de embarque do capítulo que abordará a solidão urbana como tema das crônicas da atualidade. A nomenclatura “modernidade líquida” serviu de inspiração e apoio para a delimitar o tema da presente monografia.

Neste ponto, o autor se dedica a explicar e alinhar os motivos pelos quais o fato de ser moderno é, ao mesmo tempo, conviver com relações efêmeras. Além disso, pontua a incapacidade do cidadão de se contentar em viver mais do mesmo, durante todos os dias.

Bauman se debruça em reflexões para tentar entender como a modernidade afeta a capacidade do ser humano de se libertar da rotina para descobrir uma nova

possibilidade de organizar os pensamentos. Ele conclui que, “sentimo-nos livres na medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem uma nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir (BAUMAN,2001)”.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1. Introdução

2. O jornalismo

2.1 A crônica

2.2 História da crônica

2.3 Crônica no Rio Grande do Sul

3. Imaginário da cidade

3.1 Solidão urbana e modernidade líquida

3.2 Porto Alegre em sua dimensão simbólica: os discursos literários a respeito da cidade

4. Metodologia

5. Pré análise – Biografia dos autores

6. Análise

6.1 Individualismo - “Pequenos céus somados”

6.2 Efemeridade dos relacionamentos - “Separações Líquidas”

6.3 Independência - “Doidas e Santas”

6.4 Tecnologia -

6.5 Amor- “Sou o melhor no que faço, mas o que faço não é nada bonito”

7. Conclusão

Bibliografia

10 CRONOGRAMA

Junho e Julho de 2015 – Leitura e seleção das crônicas para análise

30.07.2015 – Leitura para desenvolvimento do Capítulo 2

06.08.2015 – Entrega do Capítulo 2 FINAL

15.08.2015-Leituras para desenvolvimento do Capítulo 3

03.09.2015 – Entrega do capítulo 3 FINAL

10.09.2015 – Leituras para desenvolvimento do Capítulo 4

15.10.2015 – Entrega do Capítulo 4 FINAL
 18.10.2015 – Leituras e desenvolvimento do Capítulo 5
 25.10.2015 – Entrega do Capítulo 5 FINAL
 27.10 – Início da análise das crônicas
 13.11 – Entrega da análise das crônicas
 15.11.2015 Entrega da Conclusão
 20.11.2015 Entrega da Introdução
 04.12.2015 Entrega Final

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 2000. 225 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. 258 p.
- CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés do chão**. In: CÂNDIDO, Antônio et al **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações**. Campinas: Unicamp, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. 150 p.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002. 180 p. (Coleção ensaios transversais; 18).
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 182 p
- Melo, José Marques. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis : Editora Vozes, 1985
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** : Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002. 393 p
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985
- Silva, Jandira. Clemente, Eni. Elvo Barbosa. **Breve Histórico da imprensa Sul-Rio-Grandense**. Porto Alegre, Corag, 1986

Sites consultados:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/> - Acesso em junho de 2015

<http://carpinejar.blogspot.com.br/> - Acesso em junho de 2015